



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZONIA TOCANTINA/FACHTO

GABRIEL NEVES FRANÇA

MEMÓRIA E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE QUILOMBOLA
NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DO ICATU MOCAJUBA- PA

Cametá-PA
2022

GABRIEL NEVES FRANÇA

**MEMÓRIA E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE QUILOMBOLA
NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DO ICATU MOCAJUBA- PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História da Amazônia Tocantins (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

**Cametá-PA
2022**

GABRIEL NEVES FRANÇA

**MEMÓRIA E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE QUILOMBOLA
NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DO ICATU MOCAJUBA- PA**

Banca Examinadora

**Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá
Orientadora**

**Prof.^a Dr.^a. Andrea Silva Domingues
Avaliadora**

**Prof.^a M.^a. Rhana Beatriz Maia de Freitas
Avaliadora**

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Elza Neves França que, apesar de todas as dificuldades, me ofereceu o que há de melhor nessa vida, amor, carinho, paciência, compreensão e educação.

As minhas irmãs Maria Elzilene Neves França e Josilene Neves França, que ao longo dessa caminhada deram-me o incentivo necessário para continuar na luta diária de um sonho a ser realizado, que no enlace de amizade e amor fraterno nós apoiamos em frente as dificuldades e na luta pela realização dos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste estudo contei com o apoio de pessoas que ao longo desta caminhada foram fundamentais em todo esse processo, e sem eles seriam impossível a realização deste sonho.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por me conceder, saúde e força para que eu pudesse seguir nesta caminhada durante esse período em que estiver cursando o cursos de História na UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

Quero agradecer a minha mãe, Maria Elza Neves França, pelos seus conselhos, companheirismo e amor, que foram importantes para minha jornada. As minhas irmãs Maria Elzilene Neves França e Josilene Neves França, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando, dando conselhos, que foram valiosos para vida e para minha formação. Os meus tios e tias, que mesmo distante estavam sempre orando por mim eu deixo meus agradecimentos.

Deixo aqui o meu agradecimento a minha professora e orientadora Benedita Celestes de Moraes Pinto, por ter aceitado esse desafio de me acompanhar durante a minha pesquisa, a minha escrita inicial deste estudo e pelas suas valiosas e imprevisíveis contribuições neste trabalho de conclusão de curso, que comina com a realização de um sonho, que é o de concluir o curso de Licenciatura em História, e me tornar professor da área.

Agradeço as pessoas que durante esses quase 5 anos de estudos me acolheram na cidade de Cametá, ao Nonato, Rosiele, que no primeiro semestre do meu curso me acolheram em sua casa. A família da dona Edna Moreira, que também me acolheram em sua casa até a finalização deste estudo. Quero agradecer ao povo da Comunidade Católica Shalom, que se tornou minha segunda família na cidade de Cametá. Gratidão a todos os integrantes dessa comunidade que me acolheram de braços abertos, vou leva- lós por toda a vida dentro do meu coração

Agradeço ao povo da comunidade quilombola São José de Icatu que abriram as portas de suas casas para que eu tivesse oportunidade de executar a pesquisa, que cominou neste trabalho. A dona Ana Glória, que durante os dias que estive nesta comunidade, me acolheu em sua casa para eu descansar e assim dá prosseguimento ao trabalho. Ao senhor Floriano Lopes Farias, líder da comunidade de Icatu, por me conceder a entrada no seu território desta

comunidade. E a todo os moradores de São José de Icatu, que me acolheram sempre muito bem, deixo o meus mais sinceros agradecimentos.

A todos aqueles que não tiveram os nomes grafados aqui, por um momento de esquecimento da memória, sintam-se agradecidos por toda ajuda que prestaram e, que de alguma forma, contribuiu para transformar esses momentos de estudos, pesquisa, escritas e sonho em realidade.

Enfim, a todos vocês que contribuíram com a realização deste sonho deixo meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a identidade quilombola na comunidade São José de Icatu, no município de Mocajuba, buscando compreender como a identidade quilombola é vista nessa comunidade. Assim como, se propõem investigar como é trabalhada a questão cultural com os moradores locais e de que forma essa comunidade vem trabalhando a questão relacionada ao preconceito racial com os jovens. Identificando se há parceria entre a Associação Quilombola local e o Movimento Negro a fim do reconhecimento da identidade quilombola. Metodologicamente a pesquisa foi constituída a partir do estudo das obras de autores que se ocupam acerca dessa temática, dentre os quais destaca-se: SALLES (1971), PETRÔNIO (2007), MONTEIRO (1957), GOMES (1985), BARROS (2013), FANON (2008), MALCHER (2011), RESENDE (2013), MATOS (2006), PINTO (2010, 2020) entre outros. Além disso, como se desenvolveu a atividade de pesquisa imerso a comunidade de São José de Icatu, a partir de uma observação em locus, realização de entrevistas e conversas informais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizado mediante o processo de escuta com perguntas estruturadas previamente que tiveram a intenção de recolher o máximo de informações possíveis sobre a comunidade. Dados da pesquisa apontam que os saberes culturais estão vivos na memória dos mais velhos, dos guardiões de São José de Icatu, onde atualmente estão desenvolvendo estratégias para repassar esses conhecimentos para os mais jovens, dando continuidade na reconstrução e na autoafirmação da identidade negra.

Palavras-chave: História. Memória. Identidade. Quilombola.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the quilombola identity in the São José de Icatu community, in the municipality of Mocajuba, seeking to understand how the quilombola identity is seen in this community. We also propose to investigate how the cultural issue is worked with the local residents and how this community has been working the issue related to racial prejudice with young people. Identifying if there is a partnership between the local Quilombola Association and the Black Movement in order to recognize the quilombola identity. Methodologically the research was constituted from the study of the works of authors who deal with this theme, among which we highlight SALLES (1971), PETRÔNIO (2007), MONTEIRO (1957), GOMES (1985), BARROS (2013), FANON (2008), MALCHER (2011), RESENDE (2013), MATOS (2006), PINTO (2010, 2020) among others. In addition, an exhibition of how the research activity was developed immersed in the community of São José de Icatu, from an observation in locus, interviews and informal conversations. It is, therefore, qualitative research, carried out through a listening process with previously structured questions that had the intention of gathering as much information as possible about the community. Research data indicate that the cultural knowledge is alive in the memory of the elders, the guardians of São José de Icatu, who are currently developing strategies to pass on this knowledge to younger people, continuing the reconstruction and self-affirmation of black identity.

Keywords: History. Memory. Identity. Quilombo.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
CAPÍTULO I	
COMUNIDADE QUILOMBOLA: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS.....	15
1.1 A Formação de Quilombo e a Luta Pela Posse de Terra de Negros	15
1.2 Formação do Movimento Negro na Luta Contra a Desigualdade Racial	17
1.3 Agricultura Familiar Como Forma de Subsistência	23
CAPÍTULO II	
CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DE ICATU NAS FALAS DOS MORADORES	26
2.1 A Formação do Quilombo São José de Icatu	26
2.2 Cultura Viva, a Afirmação da Identidade Quilombola Dentro da Comunidade São José de Icatu.....	32
2.3 Transformações que Houve na Comunidade Através dos Movimentos Sociais... 	39
2.4 Religião e Educação Escolar	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
FONTES DA PESQUISA	52
BIBLIOGRFIA	53

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho, intitulado, *Memória e Cultura: um Estudo Sobre a Identidade Quilombola na Comunidade Remanescente São José de Icatu*, tem como delimitação geográfica e norteadora a identidade quilombola nesta comunidade, situada no município de Mocajuba, nordeste do Estado do Pará (Ver imagens 1 e 2). Local onde, segundo os moradores, a identidade está sendo trabalhada através das músicas e das danças, que são de extrema importância para os habitantes desse lugar. Aliás, nas afirmações de Santos (1992),

Quilombo quer dizer terra de preto, lugar de luta e resistência contra a escravidão, pois o quilombo tornou-se uma comunidade de pessoas livres formada por homens e mulheres que se recusavam a viver subvertidos pelo regime da escravidão e que por isso lutavam e clamavam por sua liberdade (SANTOS, 1992. Pag.2).

O interesse pelo assunto surgiu nas disciplinas ministradas pela professora Benedita Celeste Pinto e pelo professor Augusto Leal, quando ambos ministraram as disciplinas: História Cultura Afro-brasileira e História da África Pré-Colonial, nas quais foram tratadas muitas questões a respeito dos quilombos que se formaram na Amazônia no período colonial, demonstrando suas lutas e resistência contra a escravidão, que se instalaram na Amazônia.

Por outro lado, durante a minha trajetória acadêmica participei de vários eventos que aconteceram dentro e fora da Universidade Federal do Pará, dentre os quais destaco o *Seminário Corpo, Educação, Resistências e Movimentos Sociais Afro e Indígenas na Amazônia*¹, que aconteceu em novembro de 2019, na vila de Juaba, interior do município de Cametá, constituído por rodas de conversas, onde os palestrantes desse evento eram professores, alunos e lideranças quilombolas e indígenas, que deixavam explícito nas suas falas, que essas populações ainda precisavam ser ouvidas pela sociedade, pela academia de modo geral, pois são produtores de

¹ Este evento faz parte das atividades desenvolvidas por educadores (as), pesquisadores(as) ligados(as) aos Grupos de Pesquisa História, Educação e Linguagem na região Amazônica (GPHELRA); Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (GP QUIMOHRENA); Discurso, Sentido, Sociedade e Linguagem (DISENSOL), na intenção de discutir temáticas que tratam de questões relacionadas a corpo, educação, linguagens, resistências e movimentos sociais, visando a preocupação com traços culturais, educação interétnica e movimentos de resistência diante da paralização das demarcações de terras indígenas e quilombolas, que trazem à tona discussões a respeito do marco temporal, saúde, educação e comunicação. Trata-se, portanto, de um evento que visa refletir a respeito do modo como funcionam as relações sociais e históricas existentes de populações quilombolas e indígenas objetivando tornar visível a participação de homens e mulheres negras e indígenas de diferentes gerações. Assim como, incentivar a produção, divulgação e publicação de estudos acadêmicos, científicos e documentais que vem sendo realizados por professores e estudantes quilombolas e indígenas.

inúmeros saberes e conhecimentos. Então, a partir daí comecei a formular minha proposta de estudo na comunidade quilombola, focando na comunidade São José de Icatu, no Município de Mocajuba. Pois, sabia que poderia encontrar nessa comunidade vestígios de negros resistentes que passaram por essa região, além de poder encontrar práticas culturais, vivências, costumes, formas de trabalho e lazer sendo repassadas de uma geração para outra.

Sem dúvidas, esse assunto ainda traz certos constrangimentos, tanto para os alunos, quanto para a população negra e precisa ser debatido cada vez mais dentro das universidades. Nestas condições, este estudo pode ser de extrema importância tanto para a ciência, quanto para academia e as universidades, já que poderemos conhecer de perto quais as dificuldades e anseios que esse povo vem clamando em nossa sociedade.

Depois de entrevistar algumas pessoas, que são moradores de São José de Icatu, pude perceber que a maioria já assume a sua identidade negra e quilombola, porém ainda há aqueles que estão em fase de autorreconhecimento. E para que isso aconteça os habitantes dessa comunidade juntamente com os movimentos sociais vêm desenvolvendo dois projetos voltados para a valorização histórica e cultural dos habitantes locais, cujos: o grupo chamado Cultura Viva e Os Seguidores de Zumbi, que trabalham justamente as questões relacionadas a identidades negras e quilombolas. Segundo Malcher (2011) “a identidade quilombola passa primeiro pelo processo de reconhecimento do território, que é um lugar de reinvenção do ser quilombola e da própria construção do espaço social” (MALCHER.2011. Pag. 3).

A comunidade de Icatu tem como santo padroeiro São José, que para a população é o santo de devoção, que durante muito tempo a imagem de São José foi passado de mão em mão até se oficializar como o padroeiro da comunidade de Icatu, a sua festividade é comemorada no mês de setembro pelos moradores da comunidade São José de Icatu. A comunidade vem passando por um processo de transformação que ao longo do “tempo tem feito o homem presenciar tardiamente todas essas mudanças e essas mudanças têm feito o ser humano buscar novos significados para determinadas transformações” (MONTEIRO,1957. Pag.40.).

Sendo assim, surgiram alguns questionamentos que se configuraram como problemáticos da minha pesquisa, cujas: como é trabalhada a questão da cultura dentro da comunidade; qual a importância do sindicato na construção da identidade dos moradores; qual a importância dessa associação quilombola para a comunidade e como é trabalhada a questão da agricultura para o desenvolvimento da economia na comunidade.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar a identidade quilombola na comunidade São José do Icatu município de Mocajuba buscando compreender como a

identidade quilombola à vista nesta comunidade. Assim como se propõem investigar como é trabalhada a questão cultural com os moradores locais e de que forma a comunidade vem trabalhando a questão preconceito racial com os jovens, identificando se há parceria entre a Associação Quilombola local e o movimento negro para o reconhecimento da identidade quilombola.

Desta forma, busca-se reconstituir resquícios, vestígios de pessoas que já passaram ou viveram nessa comunidade, estes os quais são contados atualmente pela maioria dos seus moradores. Segundo afirma Le Goff (1990), o processo da memória é como fonte a própria história, já que faz o homem intervir não só na ordenação dos vestígios, “mas abre caminhos para fazer novas leituras e interpretações de toda a trajetória que ficou no passado” (LE GOFF, 1990, Pág. 424).

Nestas condições, entendemos que é através destes vestígios que conseguiremos compreender a história de seus ancestrais que viveram o processo de escravidão, que ficaram esquecidos as margens da história oficial, contudo jamais deixaram de resistir de diversas formas. A história da população negra abre dois caminhos a serem percorridos, a primeira é poder lidar com determinadas situações que se remete ao processo histórico e a segunda é poder interpretar os documentos que foram deixados ao longo do tempo, deixando emergir evidências de que pessoas, resistentes da escravidão passaram por essa região, como é o caso da comunidade de São José do Icatu, cujas histórias de constituição, práticas culturais, formas de sociabilidades e de trabalhos povoam as lembranças dos seus moradores.

Na comunidade São José de Icatu existem alguns movimentos que vêm lutando pra conseguir determinados benefícios para a comunidade, segundo Petrônio esses movimentos têm como principal característica a luta pela inclusão do seu povo na sociedade, onde todos possam ter vez e voz para debater determinados assuntos “que são importantes para o seu povo em geral, como por exemplo o preconceito racial e a discriminação que são temas que envolve toda a sociedade e também as classes sociais” (PETRÔNIO, 2007. Pág. 101).

Precisamos escrever a história desse povo que por muito tempo ficou no esquecimento, quando foram silenciados e sofreram um apagamento de suas informações. Essas histórias, nesses quilombos, podem ser encontradas de várias formas seja através dos relatos orais, “documentos, certidões de nascimento ou casamento, certidão de batismo e através das redes sociais que hoje estão mais acessíveis a comunidade em geral” (BURK, 2011 Pag.59).

A identidade quilombola é criada pela memória, que perpassa pela conjuntura histórica e seu processo de construção está em fase de reconhecimento pessoal, segundo Mattos (2006)

esse processo da identificação coletiva é sempre uma construção do movimento onde estão inseridos e que pode ser entendido “quando o historiador se debruçar em textos, que são disponibilizados para a pesquisa” (MATTOS. 2006. Pág.5).

O trabalho justifica-se pela necessidade de mostrar como a comunidade e as lideranças locais vêm lutando para o fortalecimento da identidade quilombola, para que todos os moradores dessa comunidade possam assumir a sua identidade e lutar dignamente pelos seus direitos que por muito tempo foram negados. Segundo Gomes (1987) podemos dizer que a identidade se refere ao modo como as pessoas veem o mundo, criando uma “rede de relações sociais como um ambiente que são preparados e ocupados por grupos e movimentos sociais negros” (GOMES, 1987. Pag. 48).

A comunidade em estudo é de fácil acesso, localizada entre a cidade de Baião e Mocajuba, ela pode ser acessada de duas formas; a primeira é pela pá 151 que fica entre a cidade de Mocajuba sentido Baião, por esse trajeto a duração de viagem até a comunidade de Icatu é de aproximadamente 20 a 25 minutos indo de carro ou moto, nessa viagem podemos ir aproveitando a beleza da paisagem e os cantos dos pássaros, já a segunda opção ela se dar pelas águas do rio Tocantins, saindo do trapiche Municipal de Mocajuba até a localidade de Icatu, a duração de viagem é de aproximadamente de 40 a 45 minutos indo de barco ou de rabeta. Já a comunidade São José de Icatu fica perto da comunidade de Putiri.

Metodologicamente a pesquisa foi constituída a partir do estudo das obras de autores que se ocupam acerca dessa temática, dentre os quais destaca-se: SALLES (1971), PETRÔNIO (2007), MONTEIRO (1957), GOMES (1985), BARROS (2013), FANON (2008), MALCHER (2011), RESENDE (2013), MATOS (2006), PINTO (2010, 2020) entre outros. Além disso, como se desenvolveu a atividade de pesquisa imerso a comunidade de São José de Icatu, a partir de uma observação em lócus, realização de entrevistas e conversas informais.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada mediante o processo de escuta com perguntas estruturadas previamente, que tiveram a intenção de recolher o máximo de informações possíveis sobre a comunidade. Assim sendo, o estudo foi desenvolvido através de entrevista dentro da comunidade, quanto as perguntas são semiestruturadas, tiveram a intenção de recolher o máximo de informação possível sobre a comunidade em si e de seus moradores.

Quando trabalhamos com fontes orais estamos indo a procura de informação referente a determinada comunidade, a fim de conhecer melhor o passado daquele povo que por ali passou. Segundo Portelli, as fontes orais não vêm retratar só o que o povo fez no passado, mas

sim mostrar suas expectativas referentes ao que deixou de fazer por sua comunidade ou pelo seu povo, assim as “suas narrativas vêm nos mostrar como foram suas lutas e dificuldades que o seu povo passou para construir o seu legado e do procedimento na libertação do seu povo”. (PORTELLI, 1997. Pág. 31).

A fonte principal deste trabalho foi a história oral, coleta de através de entrevistas desenvolvidas com moradores da comunidade em estudo. Contudo, também foram utilizadas fontes escritas, como: planilhas da comunidade e do sindicato; certidões de nascimento; casamento; livro de registros da comunidade onde estão guardados os arquivos dos moradores mais antigos; atas de reuniões e outros tipos de documentos disponibilizados pela comunidade, cujas de grande importância para a tecitura do presente trabalho.

Além da utilização de fontes imagéticas, as fotografias que foram feitas no decorrer da pesquisa e foram utilizadas, também, aquelas encontradas nos acervos familiares. Assim como, as fontes advindas da cultura material, como é o caso de resquícios de casas antigas e utensílios domésticos, como pilão, forno de torrar farinha, sarilho de secar massa de mandioca, moinho, além de outros, que possam transportar ecos de outros tempos e de várias formas de viver e celebrar. Visto que todo tipo de documentos são fontes históricas, que precisam ser analisadas pelos historiadores (as) a fim de recolher informações de grande importância para a pesquisa que se propõe desenvolver (LE GOFF, 1990).

Desta forma, todos os documentos recolhidos dentro da comunidade quilombola de Icatu são fontes históricas a ser pesquisada pelos historiadores, a fim de encontrar informações de um determinada população, Le Goff (1990) fala que,

o documento não é um simples papel que ficou no passado, mas sim um produto que foi desenvolvido por uma determinada população que deixou seus rastros, cujo objetivo era de que fosse encontrado e fosse analisado enquanto documento monumento afim de reconstituir a história deixado pela sociedade, e assim construir conhecimentos sobre o seu povo (LE GOFF, 1990. Pág.545).

As análises desses documentos, conforme afirma Barros, passam por um processo histórico e diacrônico, passando por grandes eventos ao longo do tempo possibilitando ao historiador(a) um norte a ser percorrido em uma determinada direção e que “poderá adquirir um padrão de grande relevância para as narrativas e análise de uma determinada situação” (BARROS, 2013. Pág.38).

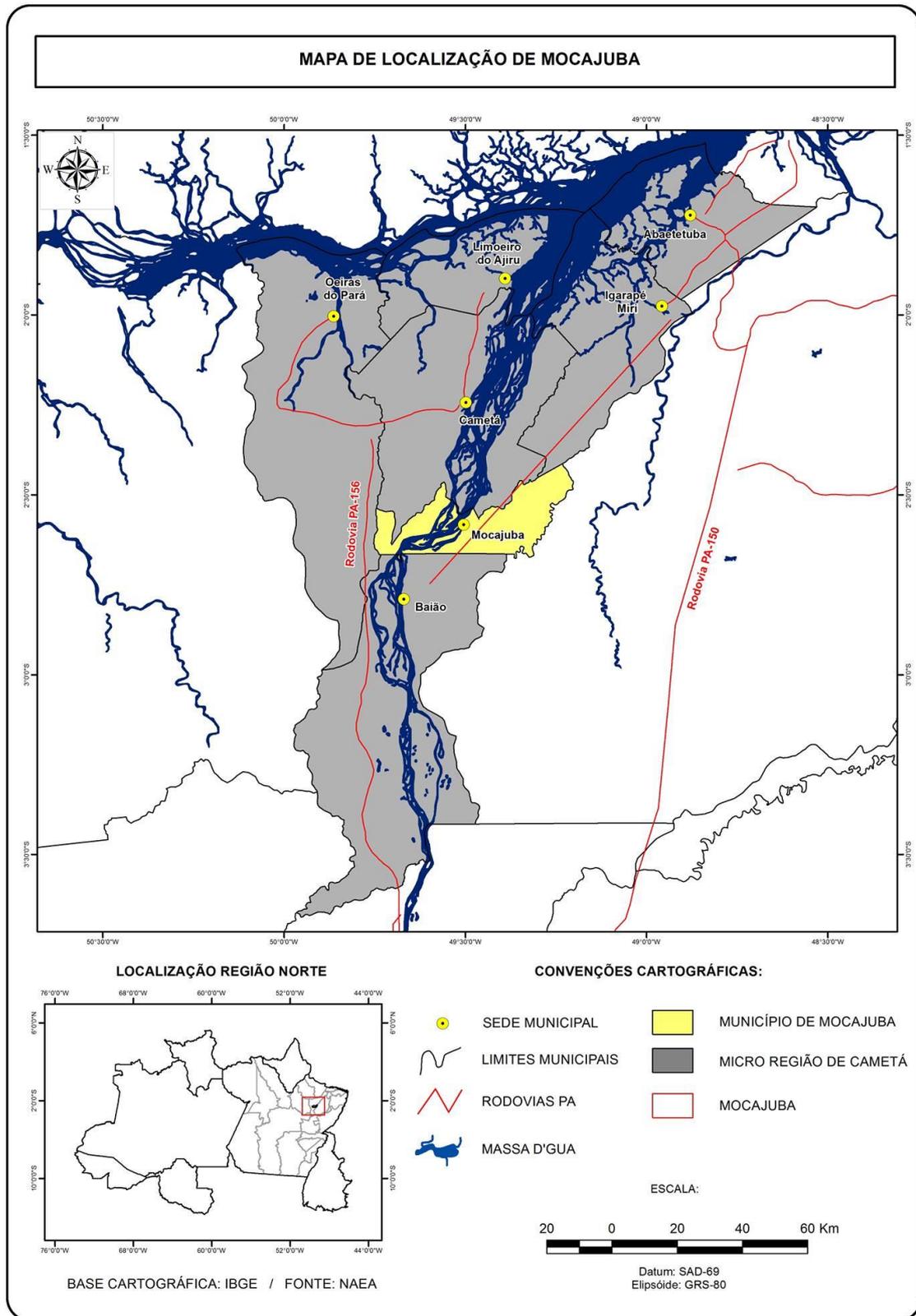
Os documentos precisam ser estudados e catalogado pelos historiadores (as) para que possam encontrar a resposta correta acerca de suas pesquisas, suas análises serão importantes

para encontrar vestígios do passado e comparar com o presente a fim de solucionar seus problemas. Segundo Bloch no momento que nos deparamos com algum documento precisamos nos desabrochar sobre essa fonte, e assim ter a coesão para “interpretá-los, a fim de que se possa formular os problemas corretamente, até que venha fazer jus das ideias sobre o passado histórico, e assim cumprir com as investigações feitas sobre o passado de um povo” (BLOCH. Pág. 49).

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos: o primeiro capítulo, intitulado “Comunidade Quilombola; Transformações Culturais” vem retratar como foram formadas as comunidades quilombolas e as lutas que os negros tiveram para garantir suas terras como descendentes dos seus antepassados. E, sobretudo, como nessas lutas, a busca pela garantia de território acarretou a criação dos movimentos negros que, por sua vez, também vieram para lutar por direitos para o seu povo, principalmente contra o preconceito racial que seu povo estava sofrendo no dia a dia, buscando, enfim, a equidade.

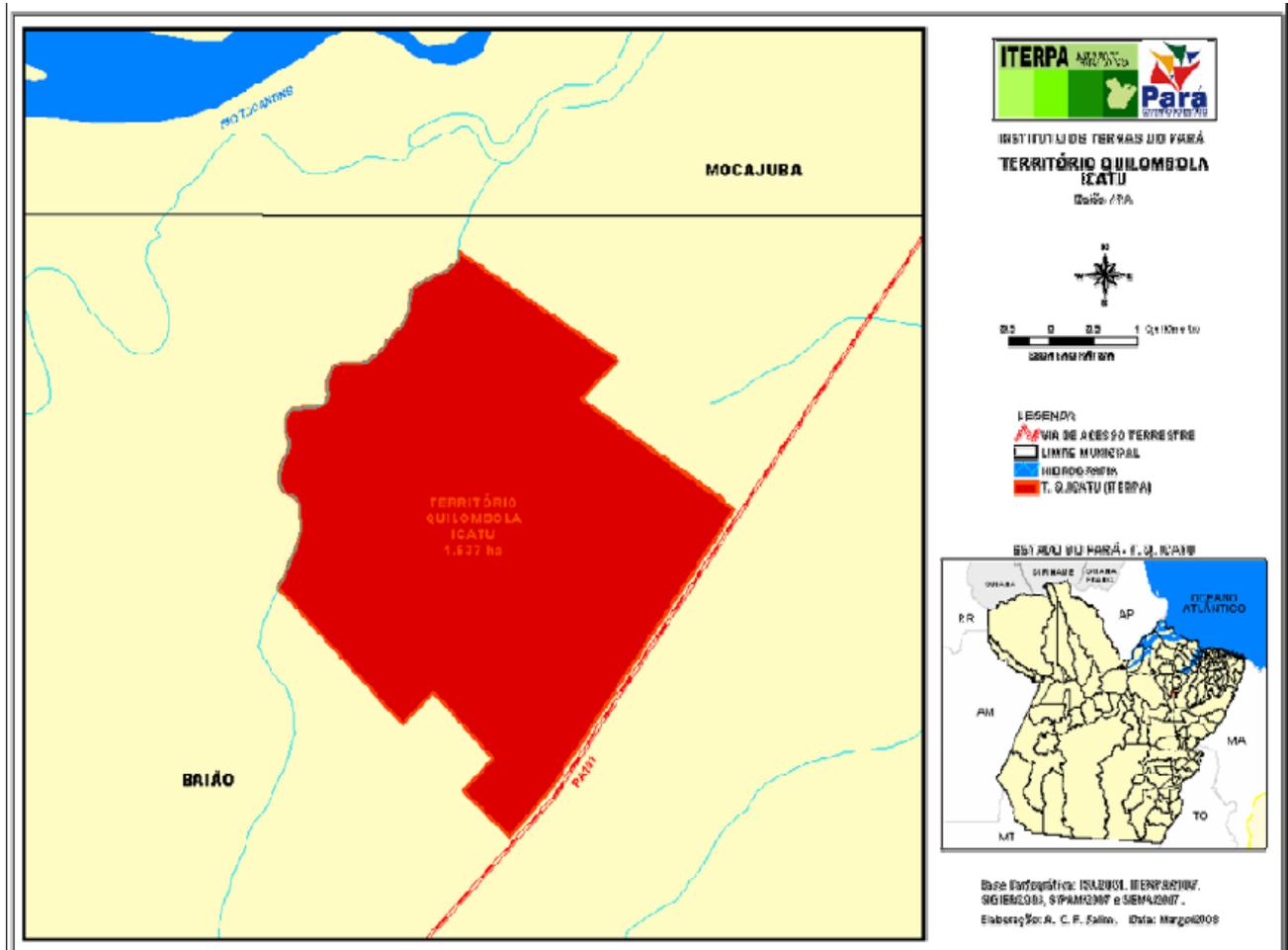
O segundo capítulo ‘‘Construção da História da Comunidade São José de Icatu nas Falas dos Moradores’’ vem discorrer acerca da percepção de comunidade dos moradores do quilombo em questão, além de observar os índices de autoafirmação e preservação da memória dos seus moradores através de manifestações próprias como músicas, dança e teatro. Buscou-se trazer, também, um pouco da agricultura familiar que fomenta a economia da comunidade, as suas riquezas presentes dentro do território quilombola e, por fim, as transformações que ocorreram desde a formação da comunidade até os dias atuais e como isso veio impactar na vida social de cada morador.

Imagem 1: Mapa de Localização do Município de Mocajuba no Estado do Pará



Fonte: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos-NAEA/Universidade Federal do Pará

Imagem 2: Mapa do território quilombola de Icatu



Fonte: Instituto de Terras do Pará - ITERPA.

CAPÍTULO I

COMUNIDADE QUILOMBOLA: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

1.1 A Formação de Quilombo e a Luta Pela Posse de Terra de Negros

O processo de territorialidade quilombola precisa ser reconhecido como um espaço de luta e resistência, um espaço simbólico e material, que vem dá ao povo negro uma condição de pertencimento a esses lugares que são marcados por conflitos com o poder público, dentro dessas comunidades quilombolas surgiram novos guerreiros que darão continuidade na luta pelo reconhecimento do território do seu povo, segundo Malcher (2011) o uso desse território “se constitui a partir do processo dinâmico que esse espaço possui em questão de territorialidade” (MALCHER 2011. Pág. 10).

Nesse aspecto, segundo Silva (2010) precisamos compreender como esses espaços são formados em questão de territorialidade, quais são as suas estratégias de luta que a comunidade vem desenvolvendo ao longo do tempo, “para que possam garantir seus direitos como cidadão, que vem lutando para terem uma vida justa para a comunidade” (SILVA, 2010 Pág.25).

O território quilombola é um espaço de construção da própria identidade negra, que precisa ser valorizada por seus descendentes a fim de garantir a plena soberania do seu povo, segundo Malcher (2011) a permanência do povo negro dentro da comunidade quilombola dá a condição de ser proprietário do espaço onde se encontram para que possam gozar dos seus direitos, já que essas terras têm uma condição simbólica que traz à tona todo tipo de relação social entre seus componentes familiar (MALCHER. 2011 Pág. 08).

As comunidades quilombolas no Brasil ainda estão enfrentando grandes obstáculos em questão de garantir o seu espaço de demarcação territorial, a população tem de lutar por uma política que venha olhar para o seu povo e que possa garantir o que é seu por direito que são essas terras que por muito tempo foi ocupado por seus descendentes. Segundo Resende:

É necessário entender a constituição da identidade quilombola face a necessidade de luta pela manutenção ou reconquista de um território material e simbólico, pois esse processo de territorialidade pressupõe a tensão nas relações estabelecidas. (Resende. Pag. 13).

O território quilombola é um elemento de construção da própria identidade negra, um local de resistência e ressurgência que visa garantir a permanência e o pleno reconhecimento do seu território e dar novos sentidos para outros grupos sociais, firmando novos laços de amizade que compõem os povos quilombolas através das relações sociais. É um espaço onde, segundo Malcher (2011), se constroem “as relações de poder e autonomia contra o processo de opressão que o povo negro vem sofrendo e que sempre lutarão para que o seu espaço seja reconhecido, um lugar de luta e resistência além também um lugar de muita aprendizagem” (MALCHER, 2011).

A população negra se aquilomba a partir da necessidade de poder compreender como era a história do seu povo no passado, que por muito tempo foram deixados para trás, e que hoje precisa ser compreendida, já que eles lutaram e guerrearam contra o poder abusivo que a população vinha sofrendo no período da escravidão, e que essas experiências “serão de grande importância para a comunidade, a fim de continuar lutando por novos objetivos” e novos projetos que possa vir beneficiar a comunidade (BURKE, 2011. Pág.42),

Nesse aspecto, as comunidades quilombolas vêm se organizando na luta pelo seu direito de permanecer no espaço deixado pelos seus ancestrais, por isso estarão sempre lutando pela demarcação do território, para eles isso é uma forma de resistir contra os ataques que o seu povo vem sofrendo no dia a dia, já que os negros ainda são vistos com um olhar preconceituoso pela nossa sociedade e vêm seu povo sofrendo um genocídio dentro da macropolítica das metrópoles.

O preconceito contra os negros no período colonial era muito forte e ela se manifestava também na imprensa paraense, “a fim de encontrar alguma resposta que pudesse combater de frente a questão da negritude na Amazônia, corroborando e compondo a tipografia dos jornais que circulava em todo território brasileiro” (SALLES, 1971. Pág.140). Nesse sentido, Gomes diz que “a questão da negritude em nosso país era classificada como pessoas pretas e pardas baseado no censo demográfico”, que foi realizado pelo instituto Brasileiro de geografia e Estatística - IBGE (GOMES. 1987. Pág.39).

O processo de demarcação das terras quilombolas, passa a ser constituir por meio do campo político, no qual a comunidade remanescente de quilombo vem traçando estratégias de luta, que possam garantir ao seu povo a plena cidadania de ocupar seu espaço cultural, através da sua autoafirmação de sua identidade negra e quilombola, Monteiro diz que:

As políticas públicas de combate às desigualdades sociais precisam superar a concepção de ausências e ações descontínua, que orientam diversos projetos, e caminhar nas vias de construção de políticas inclusivas para jovens e adultos em especial, mas comunidade quilombola Brasileira (MONTEIRO, 2007. Pág.49).

Nesse aspecto, as comunidades quilombolas vêm se organizando para combater a desigualdade que seu povo vem sofrendo ao longo do tempo, lutando pela demarcação do seu território e principalmente fazendo valer seu direito como cidadão, a fim de ter uma vida digna como as outras pessoas, o direito à uma educação de qualidade, saúde básica, reconhecimento, preservação de suas tradições, costumes etc. e que possam garantir para sua comunidade todos os benefícios de manutenção e preservação da vida.

Esse problema que esses povos originários vêm sofrendo ao longo do tempo é de pleno abandono do poder público e são vistos até nos nossos dias atuais, exigindo que esses povos se organizem para lutar pelos direitos básicos, já que essa luta exigirá um intenso trabalho e uma equipe preparada para dialogar com as autoridades do Estado (MICHAEL.2011. Pág. 7).

A questão da desumanização do negro em nossa sociedade é um ato perverso que envolve todo processo político, econômico e cultural, pois os negros ainda são vistos como pessoas inferiores a outras classes e por isso que ainda são marginalizados socialmente, e por causa dessa marginalização muitos ainda não querem se identificar como pessoas negras ou quilombolas pois sentem receio de não serem respeitados por causa da sua cor, por causa do racismo estrutural e institucional.

1.2 Formação do Movimento Negro na Luta Contra a Desigualdade Racial

Por muitos anos a sociedade brasileira vem sendo tomada pela questão da desigualdade racial que está impregnada em nossa sociedade, pois “essa questão precisa ser trabalhada de uma forma clara nas escolas brasileiras, principalmente dentro das comunidades quilombolas, já que são essas pessoas que mais sofrem preconceito em nossa sociedade” (GOMES, 1987. Pág. 46).

Nesse sentido, dentro da comunidade quilombola remanescente São José de Icatu a questão do preconceito racial é trabalhada com os jovens através da música, da dança, do teatro que são desenvolvidos através dos projetos que têm na comunidade, esses projetos são os

seguidores de Zumbi e a cultura viva que vem trabalhar com esses jovens a questão do preconceito racial. Segundo Domingues o movimento negro se baseia na “luta contra a desigualdade racial, a fim de solucionar os problemas que a comunidade vem sofrendo ao longo do tempo, e assim propor uma ação que possa garantir o direito do povo negro na luta pela igualdade social” (DOMINGUES, 2007. Pág. 101).

Acredito que o movimento social é fundamental na questão da luta pelo direito, porque as vezes a gente vê que a gente só se educa para ser a gente for para um banco de uma escola, mas eu penso diferente eu penso que o movimento social é fundamental porque ela educa as pessoas de uma certa forma. (Rivaldo Antônio Dias dos Santos, 34 anos, Professor da comunidade quilombola São José de Icatu).

Assim, podemos observar na fala do prof. Rivaldo dos Santos, que o movimento negro tem um papel importante dentro da comunidade que é de educar a população a fim de que eles possam reconhecer quais são os seus direitos na sociedade, principalmente no combate à discriminação racial que assola a comunidade negra quilombola.

O movimento negro vem sempre lutando pelo bem-estar das comunidades quilombolas, para garantir o pleno respeito do seu povo, tendo como base a formação da identidade negra, segundo Araújo:

O movimento social negro brasileiro, teria como principal característica a busca pela inclusão do negro na sociedade, com um caráter de buscar a transformação da ordem social. A frente negra, tornou-se a maior expressão desse movimento em sua época, até mesmo em função da dimensão nacional. (Araújo. s/d, ág. 31).

Todo esse processo de formação que os movimentos sociais vêm desenvolvendo dentro das comunidades precisa ser ouvido pela sociedade brasileira, a fim de buscar uma solução ou mitigação para esses problemas. No que envolve as comunidades quilombolas, os historiadores têm a missão de compartilhar esses conhecimentos para a sociedade através da luz da própria existência humana. Segundo Le Goff, o processo histórico do movimento negro não difere da “compreensão mental do homem, mas sim a partir do significado que esses acontecimentos poderão ser referir ao próprio contexto histórico” (LE GOFF., 1990 Pág. 42).

A história do movimento negro brasileiro não foi feita só de submissão, mas também passou pelo processo de redemocratização da escravidão negra no Brasil, houve várias formas de resistência contra a opressão que seu povo vinha sofrendo, pois “estavam revoltados contra os

açoites que levavam dos fazendeiros, pois isso fez com que houvesse fugas em massas para os minis quilombos e outros que não conseguiam fugir acabavam matando os seus senhores” (LOMBA, 2014. Pag. 20).

Durante a escravidão, os negros se reuniam para planejar suas fugas e assim escapar dos seus senhores, a fuga para eles significava a liberdade e um início de uma nova vida longe das senzalas e principalmente do trabalho escravo que estavam submetidos naquele período, pois além de trabalharem forçados ainda tinham que suportar os maus tratos dos escravocratas. Funes diz que:

A fuga apenas se torna eficaz, enquanto forma de libertação, quando os escravos encontram Palmares e constroem aí o seu refúgio e depois o transformam em “foco insurrecional “contra o sistema escravista (Funes, 2022. Pág.54).

Os negros escravizados para não perderem a sua cultura, eles iam praticar suas crenças dentro do matagal a fim de não serem pegos pelos seus senhores, lá eles praticavam a capoeira, a rapinagem, dança do cacete e tudo isso era feito longe dos escravocratas, tudo isso era uma forma de resistência, já que eles não poderiam perder os rituais que foram deixados pelos seus ancestrais, pois nesse aspecto o movimento negro tem um papel fundamental nesse processo de reconstrução da identidade cultural dentro da comunidade quilombola.

Segundo Munanga (1996) os escravos ficaram revoltados contra os seus alcoses e começaram a se organizar para tentar fugir das senzalas, depois de libertos iam procurar os minis mocambos onde pudessem ser abrigados para descansar e depois buscar reconstruir a sua vida em liberdade, “os africanos e seus descendentes procuravam uma forma de subsidiar a escravidão, depois de estarem nesses quilombos refugiados eles se uniam para formar novas estratégias de combate aos ataques nessas fazendas para libertar os seus irmãos das mãos dos homens brancos”, pois o seu objetivo era reconstruir a identidade do seu povo (MUNANGA, 1996. Pág. 63).

A construção do conhecimento cultural, a partir da necessidade de valorização à identidade quilombola requer fortalecimento e o faz através desses movimentos negros nas lutas contra a discriminação racial que o povo negro vem sofrer na sociedade. Flamarion diz que se todos os conhecimentos culturais fossem valorizados pelo sujeito em sociedade, conseguiriam diferenciar pela sua forma como eles se apresentam em público, e assim iríamos encontrar “o real sentido da cultura quilombola que vem sendo apresentado através dos movimentos culturais e artístico que falam um pouco da história desse povo dentro do seu próprio ambiente territorial” (Flamarion, 1977 Pág. 24).

Ainda nesse próprio pensamento Fanon diz que a cultura tem como objetivo explorar todos os ângulos que envolve a dança, a música, a capoeira, a questão da plantação da mandioca etc. Já que todos elas em si têm a mesma “estrutura que é de poder explorar todas as suas formas e sentidos que envolve a cultura Brasileira” (FANON, 2008. Pág. 87).

E assim resistindo seus lastros culturais, a imagem 3 podemos ver jovens da comunidade quilombola de Icatu tocando um samba de cacete, que muito representa sua cultura.

Imagem 3: Jovens da comunidade de Icatu tocando um samba de cacete



Fonte: Arquivo do professor Domingos Flávio

Na comunidade remanescente São José de Icatu o movimento negro tem se articulado em desenvolver suas atividades culturais dentro e fora da comunidade, a fim de preservar e explorar todos os conhecimentos que seu povo tem a oferecer para a sociedade, isso também é uma forma de resistir contra as barreiras que o povo Brasileiro tem botado para essa comunidade, segundo a moradora Ana Glória Oliveira, o povo sai pela rua e pelas cidades de Mocajuba e Baião apresentando sua cultura local.

Olha a cultura eles têm a dança da farinhada, a dança da feijoada, o samba de cacete, o conjunto da banda cultura viva, aí essa cultura viva é um grupo que eles formaram, aí os jovens têm saído para fora também para apresentar sua cultura, onde a dança da farinhada é a mais chamada pelas comunidades (Ana Glória de Oliveira 51 anos, moradora da comunidade quilombola São José de Icatu).

Portanto, todos esses conhecimentos culturais que o movimento negro vem desenvolvendo dentro da comunidade, nada mais é que uma forma de expressar todos seus sofrimentos perante a sociedade, e é uma forma de “preservar as lembranças dos seus antepassados que até hoje ainda estão vivas em suas memórias, por isso que esses conhecimentos vêm sendo repassados de geração em geração” (RIBEIRO. 2014. Pág.160).

A memória de uma comunidade sempre é construída coletivamente, onde todos se apresentam juntamente com seus grupos os quadros culturais da comunidade, é onde estão preservadas as memórias de um povo, principalmente suas riquezas naturais, através dessas memórias que conseguiremos a história da comunidade e das pessoas que passaram por essa região, assim poderemos acompanhar de perto as suas lutas diárias e do seu povo.

Dentro da comunidade quilombola conseguimos ver que a memória é um ato consecutivo que está enraizado dentro desse ambiente social, segundo Pierre (1993) dentro dessas comunidades a memória simboliza a vida desse povo, carregado por grupos e movimentos sociais, por meio desses grupos que “a memória permanece em permanente evolução e sempre aberta para ser explorada por pessoas que buscam compreender todo esse processo cognitivo que a memória vem sinalizando sobre seus ancestrais” (PIERRE, 1993 Pág. 9).

A memória é a riqueza e o conhecimento passado de geração em geração, como mecanismo de resistência e luta. Fazer se lembrar para que todo o processo de construção não seja apagado e perdido, é a ressurgência de uma população que foi sequestrada, morta, estuprada e quem tem em si a capacidade de se reinventar em um espaço a fim de fazer ainda vivas suas manifestações de arte e cultura.

Nesse mesmo pensamento Ribeiro diz que a memória traz em laços culturais todos os conhecimentos científicos que poderá dar um norte para o historiador poder explorar todos esses movimentos que é visto dentro da comunidade quilombola (Ribeiro, 2014. Pág. 25).

Na imagen 4, podemos mostrar homens, mulheres e as crianças dançando o samba de cacete e o carimbo dentro da comunidade São José de Icatu, deixando viva a sua ancestralidade e autoafirmando a identidade negra e quilombola, cujo principal objetivo é “demonstrar para os mais jovens os saberes e as riquezas que o seu povo tem a oferecer para a sociedade, e que isso só será possível quando todos se envolverem em um trabalho conjunto com o seu povo”. (COSTA, 2019. Pág. 37).

Imagem 4: Moradores da comunidade, dançando samba de cacete.



Fonte: Arquivo do professor Domingos Flávio.

Nesse aspecto, podemos dizer que dentro da comunidade remanescente de quilombo são José de Icatu os saberes culturais estão vivos nas memórias dos mais velhos da comunidade, que são chamados os guardiões da memória, e que hoje estão dando um jeito de repassar todos esses conhecimentos para os mais jovens da comunidade, para poderem dar continuidade no trabalho de reconstrução da identidade negra na sua comunidade.

A identidade quilombola ela é construída a partir da memória do seu povo, que traz em sua vida os traços culturais que rodeiam o seu povo, hoje em dia a comunidade quilombola juntamente com os movimentos sociais estão lutando para deixar viva esses traços culturais que marca o seu povo dentro da comunidade, segundo Le Goff; esse processo cultural deve vim através dos gesto intelectuais e morais que “poderá revela em dois sintomas na sociedade; que é pelo desenvolvimento da atividade social e também da atividade individual, que a sociedade está marchando em si atrás da ordem e do progresso do seu povo” (LE GOFF, 1994. Pág. 258).

O movimento negro sempre lutará pela preservação da memória do seu povo, que provavelmente estará guardado em suas lembranças, pois o próprio passado traz uma sintonia com o próprio presente, pois só assim que o indivíduo conseguirá identificar a sua história local, e nesse aspecto poderão desenvolver várias formas de preservar a história da sua comunidade juntamente com a própria comunidade. Segundo Ribeiro, o fato de o povo negro viver dentro da comunidade quilombola, dá a ele um lugar de pertencimento dessa área, “os símbolos

ligando a existência e afeição desse território exerce um papel importante na construção da identidade negra dentro da própria comunidade quilombola” (RIBEIRO, 2014. Pág. 160).

Durante muito tempo, os movimentos negros juntamente com as comunidades quilombolas vêm lutando pela demarcação do seu território e pela preservação da identidade cultural que está sendo trabalhado no dia a dia daquelas pessoas que pertence a sua comunidade. Segundo Le Goff (1994); na medida em que esses grupos “se reunirem para trocar informações e ao mesmo tempo para tomar qualquer decisão que envolve seu povo, ficará evidente o que está em jogo, nada mais é que o próprio futuro da sua comunidade” (LE GOFF, 1994. Pág. 154). Nesse sentido, podemos dizer que a informação é uma arma muito importante na articulação das ideias, pois é a partir dela que as comunidades conseguiram articular suas lutas pela sobrevivência do seu povo.

1.3 Agricultura Familiar Como Forma de Subsistência

Na comunidade quilombola os saberes tradicionais são passados de geração em geração entre as famílias, “esses saberes são cultivados entre os moradores que dão procedimento na produção da agricultura em seu ambiente, e essas pessoas são convidadas a cultivar essa relação com a natureza, só assim conseguiram tirar proveito para sua sobrevivência” (RIBEIRO, 2014. Pag.16).

Nesse sentido, podemos dizer que a agricultura familiar dentro da comunidade vem passando pelo processo de transformação e adaptação do seu território, segundo Ribeiro todo esse processo de conhecimento envolve “os saberes e fazeres dessas pessoas dentro da comunidade, isso requer um novo entendimento por quem vive nesse ambiente, só assim conseguiram relacionar esses saberes com a sua rotina do dia a dia” (RIBEIRO, 2014. Pag. 165). No entanto, esses saberes que a agricultura vem trazendo podemos encontrar dentro da comunidade São José de Icatu, a moradora Maria José Souza fala que:

A gente trabalha mais com a mandioca e o pescado, que a gente sobrevive dentro da comunidade, o extrativismo é a castanha que quando a castanha começa a cair nós vamos buscar, o açaí também a gente extrair o açaí que a maioria tem aquele açaizal muito antigo no mato que as pessoas vão lá buscar, os antigos preservaram muito essa área. (Maria Jose de Brito Souza, 55 anos, moradora da comunidade São José de Icatu).

Podemos ver na fala da moradora Maria José que os saberes da agricultura dentro da comunidade São José de Icatu, está relacionado com a farinha e o pescador que é mais consumido pelos seus moradores, más que ao longo do tempo houve uma escassez muito grande do pescador por essa região causada pela construção da hidrelétrica de Tucuruí que afetou diretamente as comunidades indígenas, quilombola e ribeirinhas, que nas próprias falas dos moradores da comunidade conseguiremos compreender o tamanho do prejuízo que tiveram com a inauguração da hidrelétrica.

Vivemos da roça como a farinha da mandioca, o pescado também é que a gente era muito acostumado a comer peixe só que com a barragem ele conseguiu tirar alguns peixes nosso que sumiu, más que também a gente come bastante peixe já tem essa cultura de comer o nosso próprio peixe (Maria José moradora da comunidade São José de Icatu, 55 anos).

No entanto, podemos ver na fala da moradora Maria José, que a cultura familiar de comer peixe na comunidade é muito forte, mas teve um tempo que com a construção da Barragem de Tucuruí muitos peixes foram desaparecendo do rio Tocantins levando transtorno para a comunidade. No entanto a pesca artesanal é uma atividade que é praticada muito pelos moradores da comunidade, já que devido a sua localização que fica as margens do rio Tocantins, ela fica acessível para “os moradores irem mariscar a qualquer hora do dia, e que essa prática de pesca serve para os ambos os sexos e idade” (PINTO, 1999. Pág.36).

Todo esse processo de conhecimento que a agricultura traz dentro da comunidade quilombola se mistura e se entrelaça com os saberes regionais que vêm sendo adquiridos no dia a dia dessas pessoas, “através das rodas de conversas com os mais velhos, no bate papo no fim da tarde com os amigos e, principalmente, nas reuniões que são desenvolvidas dentro da comunidade” (BORGES, 2021 Pag.103).

A vida dessas pessoas que vivem dentro da comunidade quilombola é rica em saberes regionais e tradicionais, pois ao passar dos anos eles vão aprendendo a lidar com seu ambiente territorial e com as tarefas do dia a dia, e “isso os garante uma aproximação mais íntima com a natureza, pois essa aproximação entre o ser humano com o meio ambiente garante a sobrevivência do seu povo” (RIBEIRO. 2014. Pag.19).

Os homens e as mulheres têm que saber explorar de todas as formas a natureza e assim adquirir o que lhe proporcionará de melhor, só assim conseguirá progredir na criação e circulação do seu produto em seu próprio território, segundo Fanon (2008) quando consideramos uma estrutura abstrata de uma outra exploração, estamos tendo “a chance de

poder desmascarar o problema capital que é de fundamental importância que é de repor o homem em seu próprio lugar” (FANON.2008. Pag. 87).

A agricultura familiar é um processo de ensino-aprendizagem na qual os conhecimentos se misturam com os saberes que as pessoas vêm adquirindo no seu dia a dia, através das rodas de conversas, no caminho da roça, pelos rios e igarapés e que vêm surgindo as conversas entre os próprios moradores da comunidade e nesse diálogo pelo caminho da mata “participam as crianças os jovens, os adultos e os idosos e todos ficam atentos para capturar o máximo de informação possível para o seu ensino sobre a história do seu povo” (SILVA, 2021. Pág. 103).

O conhecimento humano é uma forma de subsistência que garante a população capturar os saberes que são transmitidos dentro da sua comunidade, nesse sentido Costa (2013) diz que na comunidade remanescente de quilombo São José de Icatu os saberes que são criados e compartilhados entre os moradores são repassados de geração em geração, pois esses “conhecimentos vão ensinar os jovens as maneiras de preparar as fórmulas de remédios, de nutrientes caseiros a fim de garantir a plena soberania do seu povo” (COSTA, 2013. Pág. 117).

A prática da agricultura familiar envolve a plantação de hortas, de cacau, cupuaçu e outros produtos que precisa de um cuidado das pessoas principalmente com o preparo da terra, segundo Ribeiro:

A agricultura de subsistência acontece em pequenas áreas, totalmente de forma artesanal, na maioria das vezes o manejo e preparo da terra é feito por toda a família utilizando instrumento simples como enxada, foice marchado. (RIBEIRO, .2014. Pág. 138).

Todos esses saberes que são praticados dentro da comunidade quilombola São José de Icatu apresentam suas formas de riquezas e de conhecimento cultural, que vêm sendo adquiridos pelos próprios moradores “através dos seus antepassados e que vêm se manifestar através das características peculiares do seu povo que habita esse território” (MIRANDA, 2017. Pág.14).

Esses saberes culturais, ainda continuam vivos dentro da comunidade quilombola, pois os chefes de família têm a “função de acumular bens e ao mesmo tempo transmitir esses saberes para seus filhos e netos a fim de dá continuidade na progressão da atividade”, caracterizando assim uma forma de autoridade dentro do ambiente que vive com seus familiares (SALLES 1999. Pág.113).

Nesse aspecto, a identidade negra e quilombola se reinventa através das tradições orais que são desenvolvidas dentro da comunidade, segundo Batista (2011), a partir da cultura que a comunidade desenvolve é que o povo negro constrói a sua própria história, dando continuidade na luta pela demarcação do seu espaço social. (BATISTA, 2011. Pág.24).

CAPÍTULO II

CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DE ICATU NAS FALAS DOS MORADORES

2.1 A Formação do Quilombo São José de Icatu

A comunidade remanescente de quilombo São José de Icatu fica localizado no município de Mocajuba, nordeste do Estado do Pará, é uma região rica em vegetação e é “aglomerado pelo grande centro urbano do Rio Tocantins como Cametá, Abaetetuba, Igarapé – Miri e limoeiro do Ajuru” (COSTA, 2013. Pág.29).

Todo esse processo de construção de territorialidade se deu através de luta e permanência do território, segundo Pinto (2010) para “compreender a trajetória e a convivência dessa região é preciso buscar nas suas memórias os seus relatos pessoais e ouvi-los”. (PINTO. 2010. Pág.14)

Segundo alguns relatos de algumas pessoas, a comunidade quilombola São José de Icatu surgiu lá por volta de 1670 quando alguns ex escravos vinham fugidos dos seus senhores da lavoura de cana de açúcar e abitaram aqui nessa região, segundo o professor Domingos diz que:

Esses cativos fugiram do trabalho escravos aí da região de Cametá e Abaetetuba, vieram parando em parte chegaram em último aqui no Rio, entraram no Rio vindo de Mocajuba que é o rio tauare que dá acesso ao Icatu, onde vieram se localizar aí formaram o quilombo chamado Icatu. (Domingos Flávio professor da comunidade São José de Icatu).

O que podemos perceber na fala do professor Domingos Flávio, é que os primeiros moradores da comunidade remanescente São José de Icatu pegaram mata adentro e outros subiram o Rio Tocantins até chegar a essa região, mas temos outro relato de como surgiu a comunidade contada pela moradora Maria José Brito ela diz que:

Os primeiros moradores vieram de uma parte de Igarapé Miri que trabalhava na produção de cana de açúcar e outros vieram do Mola, que é uma comunidade quilombola do município de Cametá, os primeiros moradores foi seu Feliciano Rosa aí que gerou essa grande família. (Maria José de Souza Brito, 55 anos , moradora da comunidade São José de Icatu)

Pois, o que podemos perceber na fala da moradora Maria José é que os primeiros moradores da comunidade quilombola São José de Icatu vieram fugidos das fazendas de cana de açúcar e que se embrenharam mata adentro até chegar aqui nessa região, João Paulo Costa (2013) diz que os primeiros habitantes vinham vindos de outros povoados como por exemplo do Quilombo da mola (COSTA, 2013. Pág.32)

Nesse aspecto, muito desses negros se embrenhavam pela mata adentro pela busca de sua liberdade, quando encontravam um lugar apropriada tinha que ser perto de rios e igarapés, aí eles construíam grupos para forma novos quilombos afins de viver sua vida longe do cativoiro. (PINTO, 2010. Pág.23)

A sobrevivência desses fugitivos se dava pela própria realidade humana, pois para que eles conseguissem sobreviver a todos esses desafios que a natureza os dava precisavam correr esse risco em torno. Para Fanon (2008) esse risco tinha que ser ultrapassado em direção ao seu bem supremo, tendo assim a certeza de ter sua vida transformada depois de superar todas essas barreiras, fazendo valer assim seu próprio valor pessoal. (Fanon, 2008. Pág.181).

Na construção desse território e pela valorização da identidade negra e quilombola, precisamos lembrar e destacar o papel do movimento social e a participação do movimento negro que juntos lutam pela redemocratização do seu território, os quais redimensionam a sua luta política e social dentro da sociedade. (Gomes. 1987. Pág. 39).

Nesse sentido, segundo alguns moradores a comunidade de Icatu se originou de vocábulos indígenas, que pela terminologia de Icatu significa I que significa rio,” Catu quer dizer Águas Boas, “rio de águas boas, isso se deu porque existe um pequeno Rio que deságua no Tauare no sentido leste para o oeste, que faz divisa com o afluente Rio de Putiri”. (COSTA, 2013. Pág. 35)

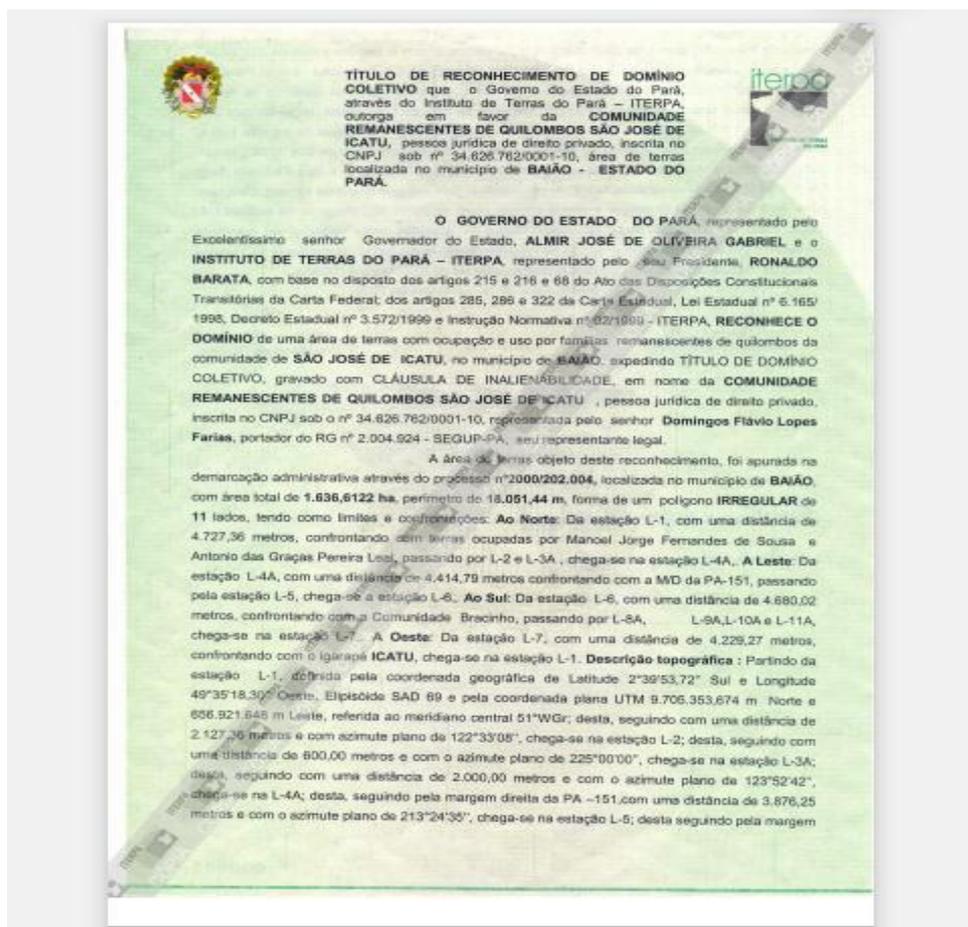
Depois de muita luta dos movimentos sociais juntamente com as lideranças comunitárias, eles conseguiram ter o reconhecimento do seu território como área remanescente de quilombo, assim a comunidade quilombola São José de Icatu conseguiu legalizar sua terra, no dia 30 de novembro de 2002, tendo definitivo seu título de terra (Ver figura 5). Foi legalizado pelo instituto de terras do Pará (ITERPA), foi certificado pela fundação cultural Palmares -FCP já em 07 de fevereiro de 2011, tiveram uma área territorial de 1636.6122ha, que em 2022 passou a ser de 3020 hectares (SANTOS, 2019).

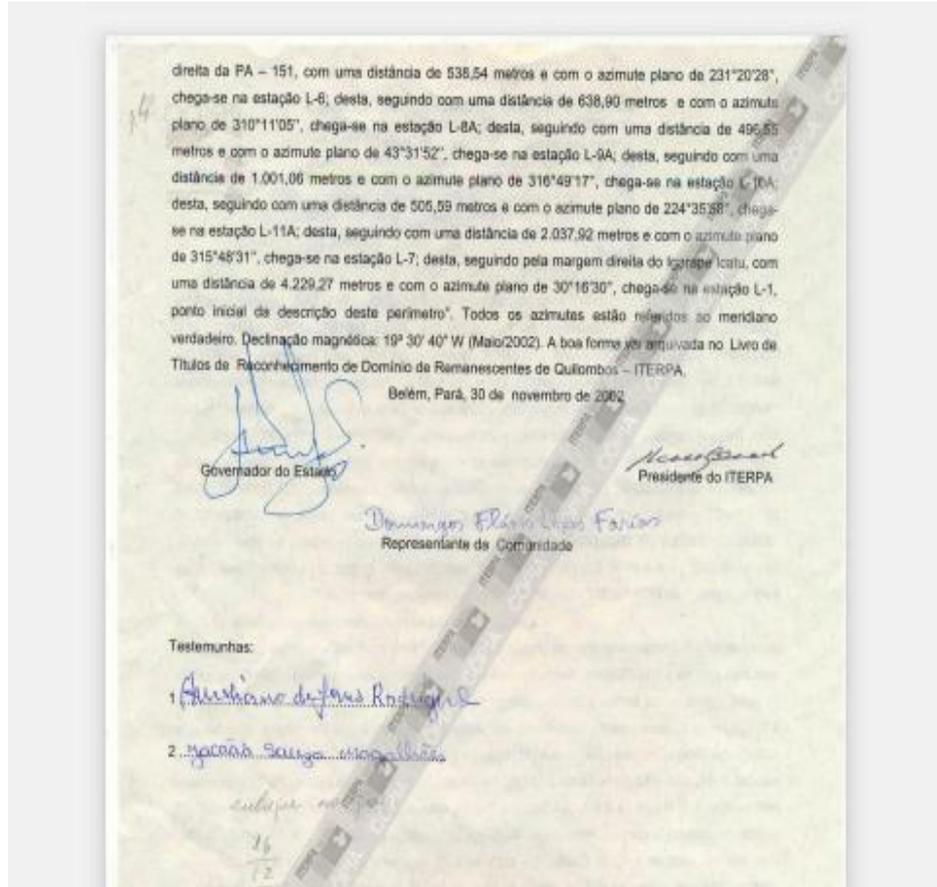
É importante mencionar que é através da constituição Federal de 1988, que fica assegurada as comunidades remanescentesde quilombo, o direito da posse de suas terras o qual está sendo ocupado por essas pessoas negras, devendo o Estado dar à titulação de suas terras para esse povo

desta comunidade, já que esse título foi uma conquista dos movimentos sociais e dos movimentos negros. (MAYER, 2014. Pág. 35).

A identidade quilombola perpassa pela necessidade de lutar pela permanência de suas terras, segundo Malcher (2011), para esse povo não perdessem seus direitos sobre suas terras, a comunidade teve de ser alta – declararem como pessoas negras e quilombolas, já que isso se deu em decorrência da aplicabilidade do artigo 68 da constituição Federal de 1998. (MALCHER, 2011. Pág. 13).

Imagem 5: Título de terra obtido pela comunidade de São José de Icatu





Fonte: Arquivo do professor Domingos Flávio da comunidade de Icatu.

Após terem conseguido ter o reconhecimento do território quilombola, começou a luta para deixar vivos os costumes e a cultura do seu povo. Ribeiro (2019) afirma que o território quilombola é uma construção histórica, onde estão guardados os costumes dos grupos que por ali vivem ou coabitam aquele espaço social, cujos fatores políticos e econômicos fazem parte da sua vivência comunitária. (RIBEIRO, 2019. Pág. 168).

Assim, depois da comunidade conseguir a titulação de terra começaram a receber vários tipos de benefícios que foram concedidos pelo governo, de grande importância para a construção da identidade quilombola nessa região, o professor Domingos Flávio fala que:

Todo mundo entendeu a importância de titular, embora nem todos nós tivéssemos conhecimentos do que seria, quais benefícios teríamos não tinha essa certeza, mas depois de titulada é que vieram diversos benefícios aqui para a comunidade, uns dos maiores benefícios que veio foi a construção do conjunto habitacional. (Domingos Flávio, 53 anos, professor da comunidade São José de Icatu,).

O período pós titulação foi marcado por diversas transformações que foram importantes no âmbito social, assim como o professor Domingos Flávio falou que depois de terem suas terras reconhecidos diversos projetos foram desenvolvidos na comunidade e uma delas foi esse conjunto habitacional que a comunidade, no primeiro momento, contemplou 50 famílias e depois foram contempladas mais 100 famílias por esse conjunto habitacional (SANTOS, 2019).

Imagem 6: Padaria da comunidade fruto do Movimento de luta



Fonte; Arquivo de Gabriel Neves

Todo esse processo de regularização do território quilombola está ligado diretamente a condição de vida e principalmente pelo reconhecimento da ocupação territorial, já “que todo esse processo de demarcação do território quilombola é vista através das relações étnicas que perpassa pelo laço afetivo, cultural e econômico da comunidade” (RIBEIRO, 2014. Pág. 185).

Através da constituição Federal de 1988, fica assegurada as comunidades remanescentes de quilombo, o direito da posse de suas terras o qual está sendo ocupado por essas pessoas negras, “devendo o Estado dar à titulação de suas terras para esse povo desta comunidade, já que esse título foi uma conquista dos movimentos sociais e dos movimentos negros” (MAYER, 2014. Pág. 35).

A identidade quilombola perpassa pela necessidade de lutar pela permanência de suas terras, segundo Malcher (2011), para esse povo não perdessem “seus direitos sobre suas terras, a comunidade teve que ser alta – declararem como pessoas negras e quilombolas, já que isso se deu em decorrência da aplicabilidade do artigo 68 da constituição Federal de 1998”. (MALCHER, 2011. Pág. 13).

Através de luta e resistência que os negros afirmam sua identidade, pois eles renascem de suas tradições orais que compõem o território quilombola, já que os guardiões da memória são a grande chave para o descobrimento da cultura material e social, Batista (2011) afirma que “é a partir da cultura que a comunidade tem, das tradições ancestrais que são contadas, que eles vão fortalecendo sua identidade” (BATISTA, 2011. Pág.24)

A cultura negra e quilombola é evidenciada através dos seus atos religiosos, pela sua prática de cura dentro da comunidade, através da convivência do trabalho, da produção artesanal e toda essa diversidade que rodeia a cultura quilombola todos esses atos conseguimos evidência na comunidade São José de Icatu através das suas falas e do seu trabalho do dia a dia. (COSTA, 2011. Pág. 139).

Imagem 7: São José, santo padroeiro, o guardião da comunidade de Icatu



Fonte; Arquivo do Professor Domingos Flávio

Nesse aspecto, a memória deste povo ecoa suavemente dentro da comunidade, já que é na convivência do dia a dia que os velhos guardiões da memória vão repassando seus ensinamentos para os jovens, esses conhecimentos flutuam entre os moradores para que ninguém deixe cair no esquecimento, Pinto (1999) diz que essas lembranças que são “contadas entre os moradores, elas ficam enraizadas através de múltiplas camadas de experiência social, onde essa linguagem da memória é repassada de uma forma onde venham compreender o real significado dessa linguagem cultural” (PINTO, 1999. Pág. 220).

Podemos dizer que é através desta comunicação que se constrói o conhecimento, já que através da comunicação conseguimos evidenciar “suas expressões, o seu modo de se vestir, a sua cultura local, isso permiti revelar todas as aparências que envolve a sua identidade negra”. (RIBEIRO, 2019. Pág. 144).

Toda essa característica que evidência a vivência da comunidade quilombola, elas são vistas através dos seus relatos de vida, que traz à tona “toda sua trajetória pessoal, a sua identidade partir desse pressuposto de que não podemos considerar a reconstrução da sua identidade só pelos seus relatos factuais, mas sim da sua própria realidade histórica” (POLAK. Pág. 11).

2.2 Cultura Viva, a Afirmação da Identidade Quilombola Dentro da Comunidade São José de Icatu

A cultura negra e quilombola, não deve ser vista como invariável e sem importância, que faz o mundo girar sem direção, sem um reconhecimento necessário para que as comunidades possam afirmar sua identidade, “mas tem de ser vista como um ponto fundamental para que haja essas articulações para que possa envolver essas culturas, determinando assim tanto a sua forma de apresentação como seu caráter que esses movimentos vêm desenvolvendo na sociedade” (MAURICIO, 2019. Pág. 10).

Quando falamos em cultura estamos nos referindo a sua convivência em grupo, no seu modo de se vestir, no seu modo de produzir conhecimentos, ou seja, “através das representações ou das imitações que são adquiridos dentro do seu território, e que vão sendo repassados de geração em geração” (MARQUES, 2012. Pág. 35).

Imagem 8: Reunião com as lideranças da comunidade para falar sobre a questão da identidade Negra



Fonte; arquivo de Gabriel Neves França

Dentro da comunidade quilombola São José de Icatu essas práticas culturais simbolizam suas riquezas e conhecimentos que vem sendo adquirido no seu dia a dia, que são herdados pelos seus antepassados, já que “todo esse conhecimento tem uma característica peculiar que é de preservar na vida dessas pessoas que residem nessa comunidade todos esses saberes que ficaram guardados na memória” (MIRANDA, 2017. Pág. 14).

Na comunidade São José de Icatu, conseguimos resgatar através da memória dos moradores, algumas brincadeiras e atos culturais que eram praticados na comunidade e que hoje está perdendo espaço para outras formas de cultura que os jovens vêm desenvolvendo, o morador da comunidade José fala que:

Cultura já teve muito samba de cacete era noite e dia, ganzá seresta, roda de samba, tinha vassourinha que agora essa época de dezembro, teatro que hoje não tem mais, brincadeira de roda que era em maio, tinha muita fogueira, procissão dos santos, e outras culturas que já tiveram aqui na comunidade. (José Rose Rodrigues, 80 anos, morador da comunidade São José de Icatu).

Assim, podemos observar na fala de seu José Rose que na sua época de infância existiam vários tipos de brincadeira que simbolizavam a cultura do seu povo e que estão guardados nas lembranças dos mais velhos da comunidade, segundo Silva através da memória conseguiremos compreender todas as suas formas de experiência que foram construídas historicamente pelos moradores que residem nas suas comunidades e que através dessas memórias conseguiremos resgatar o passado para que possa servir de imaginação para o futuro. (SILVA. Pág., 27).

Todos esses saberes culturais que estão enraizadas dentro da comunidade, os dão a possibilidade de conhecerem e aprenderem cada vez mais todos esses conhecimentos que estão relacionados com a sua vida do dia a dia. Borges (2021) diz que esses conhecimentos construídos dentro dessas comunidades quilombolas estão diariamente relacionados com a sua cultura de caça, pesca, matas e principalmente as águas dos igarapés, já que todos eles os garantiram a vida do seu povo e que através desses saberes tradicionais conseguiram preservar a sua vida diante da natureza. (BORGES, 2021. Pág.77).

Na comunidade São José de Icatu, a cultura da mandioca é um fazer que é transmitido de pai para filho, que está relacionada a tradição cultural da festa comunidade, que é repassado por meio do seu convívio e da oralidade, cujos principais protagonista desses saberes são os velhos guardiões que trazem guardados em suas memórias esses feitos e que vão ensinando os jovens, aprendendo com eles e mostrando seus conhecimentos na arte de fazer dessas produções. (BORGES, 2021. Pág. 92).

Neste sentido, dentro da comunidade a questão dos convidados ou mutirões como é chamado pelos moradores hoje estão se perdendo, já que não é mais realizado como antigamente, onde eles se reuniam um dia para trabalhar no roçado do outro, segundo o morador Ricardo de Jesus:

A questão do convidado hoje tá difícil, hoje estão se reunindo fazendo mutirão, se reunir aquela turma pra ir trabalhar pra plantar o roçado e não pra fazer um convidado não se ver mais fale em convidado, e naquele tempo eu fazia o convidado, dava 40, 50 pessoas até 60 pessoa no dia pra plantar um roçado, mas era um roçado grande botava de 8 a 10 tarefas, o último roçado que botei foi 13 tarefa. (Ricardo de Jesus Silva, 83 anos, morador da comunidade São José de Icatu).

Podemos observar na fala do morador Ricardo de Jesus que o convidado envolvia muitas pessoas para trabalhar no roçado do companheiro e que hoje isso não é muito presente dentro da comunidade. Segundo Pinto (1999), “o trabalho desenvolvido na roça exige muito esforço físico, para se fazer um roçado o trabalhador rural precisa da ajuda de toda sua família e amigos, no plantio e na roçagem, sem contar a demora até a chegada da colheita, da produção” (PINTO, 1999. Pág. 103).

Segundo os moradores da comunidade São José de Icatu os mutirões eram muito praticados entre os membros da comunidade, mas que hoje não têm tanta força como antigamente, eles usam alguns mutirões para desenvolver outras atividades dentro da comunidade, o professor Domingos Flávio diz que:

O mutirão era uma atividade que era muito praticado antigamente, mas que hoje nem tanto, mas se faz ainda hoje em dia, a gente não usa o termo convidado, a gente usa o termo mutirão, aí tem mutirão pra roçagem, tem mutirão pra derruba coivara, pro plantio e pra capina e alguns casos também usa um mutirão pra fazer farinha quando a pessoa tá as vezes precisando de ajuda e convida alguém ou algumas pessoas para lhe ajudar. (Domingos Flávio Lopes, 53 anos, professor da comunidade São José de Icatu).

Podemos observar na fala do professor Domingos Flávio que o mutirão na comunidade não é tão forte como era antigamente, hoje em dia o mutirão acontece uma vez ou outra dentro da comunidade São José de Icatu. Eles ainda se reúnem para fazer roçagem para o vizinho que está doente ou que não pode ir trabalhar, também se reúnem para limpar as vias públicas da comunidade para que o espaço esteja sempre conservado. Segundo Batista (2011) o povo da comunidade quilombola se une em prol de alguns obstáculos que podem impedir o crescimento da população negra e assim é possível perceber os seus avanços e suas conquistas em favor da necessidade de sua gente, e que por meio “dessa valorização histórica que a cultura ser tonar uma fronteira inabalável para que o a população negra venha enfrentar todas as dificuldades em favor de algum benefício para a comunidade” (BATISTA, 2011. Pág.40).

Na comunidade São José de Icatu a agricultura e a economia giram em torno da produção de farinha, pimenta do reino, pesca e do extrativismo, ambas atividades geram sustento para a comunidade, além de que algumas pessoas também recebem algum benefício do Governo Federal como bolsa família e seguro-desemprego, o que ajuda a população na renda familiar para que a economia gire em torno da comunidade, mas o que gera renda primária é a farinha e do extrativismo, Silvano Rose fala que:

Aqui na comunidade produz a questão da farinha de mandioca que a gente faz e também o extrativismo como a castanha e à madeira. E outras coisas que também é tirado, mas que fomenta a questão da economia agricultura mesmo, e a venda da farinha, do milho, arroz e também a questão da pesca também que recebe um recurso social, o bolsa família tudo isso já ajuda na economia local (Silvano Rose Nascimento, 52 anos, morador da comunidade São José de Icatu).

Dentro da comunidade de Icatu a produção da farinha é o ponto principal da economia, aonde as famílias vão para roça para produzir a farinha, onde eles vendem tanto dentro da comunidade quanto para a cidade de Mocajuba e Baião já que isso que gera o sustento da família. Borges diz que a questão do “trabalho da farinha de mandioca é um fazer que vem sendo transmitido de pai para filho, e que faz parte da tradição cultural, pois esse momento é

onde as famílias e os vizinhos se unem para desenvolver a prática da produção da farinha” (BORGES. Pág. 92).

Todo esforço para fazer a farinha requer um trabalho coletivo das pessoas, e isso ultrapassar as fronteiras do trabalho, pois “gera um ato de amizade que poderá ser estender na convivência diária com os vizinhos, dentro da casa de forno, onde se produz a farinha de mandioca” (SANTOS, 2019. Pág. 2019)

Antes da produção da farinha de mandioca, a terra que produz a mandioca passa pelo processo de conservação do seu território, pela limpeza do terreno e armazenamento do local até o plantio, segundo Ribeiro (2019) todo esse processo da produção da farinha de mandioca acontece em pequenas áreas, cujo o “manejo e o preparo da terra é feito em conjunto com as famílias e vizinhos da comunidade, utilizando alguns instrumentos como enxada, foice e o terçado para fazer a limpeza do local onde será plantado o produto” (RIBEIRO,2019. Pag138).

Dentro das comunidades quilombolas a cultura se dá através da dança, música e arte que é o símbolo da identidade negra, Costa diz que o samba de cacete que é desenvolvido dentro das comunidades e uma manifestação cultural do povo da Amazônia e do paraense, onde vem sendo preservados nas memórias dos moradores das comunidades, e que até no dia de hoje ainda fazem parte da história desse povo. (COSTA. Pág.42).

Na comunidade São José de Icatu a cultura vem sendo trabalhada através da música, arte, quadrilhas e isso é uma forma dos jovens se identificarem como pessoas negras. Segundo o professor Domingos Flávio, morador da comunidade São José de Icatu, é importante nos se autoafirma, auto se declara, auto se identifica e é uma das formas da gente se identificar através da música.

Neste aspecto dentro da comunidade quilombola São José de Icatu existem dois movimentos culturais que vêm trabalhando a questão da identidade negra com os moradores, o primeiro é o grupo chamado Cultura Viva e o outro são Os Seguidores de Zumbi que são trabalhados pelos professores Domingos Flávio e o professor Rivaldo. Segundo Rivaldo preservar a cultura negra e quilombola é manter viva a nossa história a qual por muitos anos foi silenciada, consequência da escravidão que castigou o nosso povo, e que com a formação dos quilombos os escravos começaram a sentir a sua liberdade para viver seus costumes, religiosidades e suas práticas culturais, reviver a história. (SANTOS, 2019. Pág. 25).

Na comunidade quilombola a cultura popular faz parte da reconstrução histórica desse povo. Esse processo, que envolve a cultura negra, “abre caminhos para que haja uma

investigação histórica da comunidade e isso muitas das vezes resulta em obstáculos e problemas a serem contemplados pelos moradores” (FLAMARION, 1977. Pág. 221).

A música cantada pelos moradores da comunidade São José de Icatu representa sua identidade, suas letras traz a luta e resistência que seu povo teve durante a escravidão, posto isso, simboliza o reconhecimento histórico por onde essas pessoas passaram para que o povo estivesse ocupando esse território. O professor Domingos Flávio (imagem 9) diz que é através dessas músicas que hoje os jovens vêm autoafirmar sua identidade, a música como instrumento de reconhecimento da sua vivência. Exemplificando o trecho da canção “Eu sou Quilombola”:

Eu meu pai quilombo eu também sou quilombola, a minha luta e todo dia e toda hora, ei meu pai quilombo dizem que o zumbi morreu, zumbi tá vivo em que luta como eu, quilombo são negros numa grande União, lutando com força contra a discriminação. (Autor desconhecido)

Imagem 9: O Professor Domingos Flávio Lopes Farias



Fonte; Arquivo pessoal- Gabriel Neves França

No entanto, o professor Domingos Flávio fala que essa música pode ser trabalhada tanto na escola quanto dentro dos grupos culturais e que para ele representa a luta e resistência que o seu povo teve contra qualquer tipo de discriminação. Segundo Rivaldo todo esse processo de reconstrução da identidade vem se “constituindo ao longo do tempo com base na vida diária

desse povo e que hoje eles vêm lutando de diferentes formas contra a discriminação que os jovens passam no meio social” (SANTOS, 2019. Pág. 39).

Preservar a cultura local é um ato para manter viva a história dos seus antepassados que por muito tempo foram silenciados e que hoje os jovens têm a missão de dar continuidade nesse processo de reconstrução da identidade negra, segundo o jovem Andrey se hoje deixarmos morrer nossa história quem contará os nossos grandes feitos, Andrey diz que,

Participo do grupo cultura viva, nós tocamos o samba de cacete cultural, o carimbo trabalhamos muito com os jovens, o nosso objetivo é manter basicamente a Cultura Viva né, não deixa a cultura morrer, se nós deixarmos quem é que vai sustentá-la. (Andrey, morador da comunidade São José de Icatu).

Na imagem 10 podemos ver a apresentação desses jovens mostrando através da música e do samba sua identidade. Ocorreu em no dia 17 de julho de 2022, na comunidade São José de Icatu, onde ocorria um evento para discutir sobre a identidade cultural da comunidade São José de Icatu.

Imagem 10: Jovens da comunidade durante um ensaio musical.



Fonte: Arquivo pessoal - Gabriel Neves.

Nesse sentido, a cultura é um marco importante para afirmação da identidade social, pois configura-se um lugar de fala e de expressão corporal das pessoas que vivem nessa comunidade, assim através desses movimentos culturais os jovens vêm lutando em relações de poder, “pela demarcação do território quilombola e pelo enfrentamento de diversas formas de

assujeitamento e desumanização que o seu povo está sujeito na sociedade” (COSTA, 2017. Pág. 94).

2.3 Transformações que houve na Comunidade Através dos Movimentos Sociais

Durante o processo de escravidão no Brasil, os negros na tentativa de fugir dos escravocratas formavam alguns grupos ou movimentos que viassem luta em favor de suas fugas e pela manutenção da sua liberdade, segundo Petrônio (2007) esses tipos de movimentos que vinham surgindo no período da escravidão estava ganhando forças em todo território brasileiro, cujo objetivo desse grupo era de tentar resolver os “problemas que os negros vinham enfrentando na sociedade, principalmente a questão do preconceito racial e a marginalização que esse povo vinha sofrendo ao longo do tempo” (PETRÔNIO, 2007. Pág. 101).

Dentro da comunidade São José de Icatu esses movimentos sociais, ao longo de 250 anos da fundação da comunidade, através de muita luta estão conseguindo trazer alguns benefícios para dentro da comunidade, segundo os moradores da comunidade esses movimentos são importantes porque eles lutam em favor do seu povo e de sua gente. Silvano Rose da comunidade diz que:

É importante esses movimentos sociais que existe na comunidade que hoje é representado pelo sindicato, aqui tem a questão do sindicato que tá presente na comunidade, tem o movimento das mulheres, a associação quilombola também, até mesmo a igreja, isso fortalece muito quando existe dentro da comunidade porque sempre estamos lutando pra trazer benefícios para os moradores, e sem luta é difícil chegar esses benefícios aqui pra nós (Silvano Rose, 34 anos, atual Presidente da comunidade quilombola São José de Icatu).

Os movimentos sociais são de grande importância para o crescimento e o desenvolvimento da comunidade, assim nos diz seu Silvano Rose que é através desses movimentos sociais que os recursos financeiros e projetos chegam até o povo de sua comunidade. Segundo Batista, através desses movimentos é possível que a comunidade continue avançando, “lutando para conseguir alcançar e conquistar todas as suas necessidades, e que isso venha fortalecer cada vez mais a identidade quilombola para enfrentar as dificuldades vindouras” (BATISTA, 2011. Pág. 40).

Através desses movimentos sociais é que a comunidade vai construindo sua história, principalmente em relação a liberdade de sua gente, com muito esforço e luta que vão indo atrás dos seus direitos, reivindicar tudo o que é seu por direito, através dessas reivindicações foi que a população da comunidade São José de Icatu conseguiu o maior benefício que foi o conjunto habitacional (imagem 11), que proporcionou que mais de 80 famílias estivessem em uma casa de alvenaria. (NARLON, 2019. Pág. 15).

Imagem 11: Casas construídas em alvenaria.



Fonte: Arquivo do Professor Domingos.

Além desse conjunto habitacional a comunidade São José de Icatu já conseguiu muito outros projetos que foi de grande importância para o povo catuense assim diz seu Silvano Rose:

Já mudou bastante até mesmo a paisagem que deve devido o desenvolvimento que a gente chama sobre a questão da estrada isso ampliou muito e já mudou muito, que a gente sentia muito calor na viagem que a gente anda pra se deslocar pro outras partes do trabalho, o transporte também mudou bastante, que de primeiro a gente andava de canoa remando e custava muito hoje não já tem moto até carro já tem aqui na comunidade, então facilita muito pra ter acesso para o municípios próximos daqui como Baião e Mocajuba. (Silvano Rose, 34 anos, atual Presidente da comunidade São José de Icatu).

Portanto, como diz seu Silvano que todo esse processo de transformação que a comunidade vem passando é fruto de movimento de luta, movimento que hoje eles têm transporte, posto de saúde na comunidade, escola etc. No entanto, Costa, afirma que todas essas “conquistas que a comunidade está adquirindo hoje foi graças as intensas lutas que vem sendo desenvolvida pelos movimentos negros” (COSTA, 2017, Pág.60).

Durante todo esse processo de reconstrução da identidade negra a memória se faz presente no meio da comunidade, pois é através dessas memórias que o “homem contempla o passado, que vai identificando o cotidiano do seu povo dando lugar e voz para que a identidade seja um marco histórico dentro do território” (RIBEIRO, 2019. Pág.160).

Só conseguiremos compreender o passado através das memórias que é uma fonte indispensável para a historiografia brasileira, nesse aspecto na comunidade São José de Icatu a memória dos mais velhos é uma peça principal na construção da identidade negra, segundo Resende “memória de um povo é vista como um processo de reconstrução da própria identidade, que traz forte resquícios da tradição oral, e que através dessa reconstrução da memória que encontraremos pista para a reinvenção da identidade quilombola” (RESENDE. Pág.1).

Imagem 12: Sr. João Rose Rodrigues, Morador da comunidade de São José de Icatu



Fonte: Arquivo pessoal- Gabriel Neves.

Nesse sentido, trabalhar com a memória é como mexer com o passado desse povo que para eles foi muito dolorido e que hoje precisa ser descoberto para reconstruir a história de sua gente, para Portelli a história oral tem uma imensa multiplicidade de informações que precisam ser revistas sobre o olhar do historiador (a).

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de ponto de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores e substituída pela parcialidade do historiador. (Portelli, 1997. Pág.39).

Portanto, Portelli vem dizer que a história oral nunca pode ser contada sem ter um direcionamento certo pelo narrador, cujo princípio está relacionado com o posicionamento a ser “traçado durante a narração e que muitas das vezes vem confrontar o princípio da oralidade que está sendo investigado” (PORTELLI, 1997. Pág. 39).

2.4 Religião e Educação Escolar

Hoje na comunidade São José de Icatu vivem mais de 310 pessoas que são compostas por mais de 83 famílias, segundo os líderes da comunidade nem toda as pessoas residem dentro da sede ou núcleo, onde vive a maioria da população, “muitos deles vivem em outras localidades como na cidade Mocajuba e Baião além de outros estarem fazendo parte de outras comunidades quilombolas que fazem parte desta região” (COSTA, 2012. Pág. 35)

Quando chegamos na localidade de São José de Icatu nos deparamos logo com a comunidade de São José e ao lado a escola Arthur Igreja, o posto de saúde, a sede da associação dos remanescentes de quilombo e muitas moradias espalhadas em torno da entrada que dá acesso a comunidade. Arnold (2018) diz que as transformações que vêm ocorrendo dentro da comunidade e a integração da identidade que circula no território quilombola se configura através dos espaços de convivência social” (ARNOLD, 2018. Pág. 33)

Imagem 13: Crislene Brito Souza, enfermeira da comunidade,



Fonte; Arquivo pessoal- Gabriel Neves.

Na comunidade de São José de Icatu existem vários tipos de religiões que foram surgindo ao longo do tempo, mas desde o princípio o catolicismo prevaleceu mais forte entre o povo da comunidade. Segundo Miranda a cultura religiosa está marcada pela fé que os moradores depositam nos santos de devoção que prevalecer nessas comunidades (MIRANDA, 2017. Pág. 50) segundo Ana Glória:

A religião são só duas a católica e dos crentes que tem duas igrejas aqui no Icatu um dos católicos e um dos crentes, o padroeiro São José é o padroeiro daqui aí antes eles comemoravam em março dia 19 de março que é o dia do santo, só que na época era muita chuva em março aí eles mudaram a data da celebração do padroeiro para 29 de setembro. (Ana Glória, 55 anos, moradora da comunidade de São José de Icatu).

Segundo alguns relatos contados pelos moradores da comunidade o santo que existe na comunidade e São José, a imagem de São José foi doada por uma família por volta de 1927, e desde daí ela foi passando de mão a mão até que chegou um certo período que as famílias não

conseguiram prosseguir com os festejos e doaram a imagem para a comunidade, segundo o professor Domingos Flávio:

O padroeiro daqui dessa comunidade é São José por muitos anos, por volta de 1927, desde quando foi dada a primeira imagem de São José para a comunidade, desde lá já vem festejando sendo que antes de ele se torna padroeiro, já existia a festividade de São José, mas era de forma que era uma família que festejava anualmente que era chamado de Santo de devoção, o São José era um santo de devoção de uma família que chamava família Gonzaga Igreja, e si depois eles doaram a imagem de São José para a comunidade. (Domingos Flávio Lopes 53 anos, Professor da comunidade São José de Icatu).

Segundo o professor Domingos depois que a família Gonzaga doou a imagem para os moradores da comunidade, o povo prosseguiu com a festividade que hoje é festejado no mês de setembro e que todos os domingos as pessoas se juntam para participar do culto católico (missa), a comunidade de São José está vinculada a paróquia de Mocajuba.

Imagem 14: Igreja da comunidade de São José de Icatu.



Fonte: Arquivo pessoal - Gabriel Neves.

Imagem 15: Salão comunitário da comunidade.



Fonte: Arquivo pessoal - Gabriel Neves.

Nas imagens podemos ver a comunidade de São José que hoje já está de casa nova e ao lado da igreja está o salão onde os moradores se reúnem para fazer reuniões, festa etc., pois desde quando o povo da comunidade assumiu a responsabilidade de dar prosseguimento na festividade eles vinham reformando a casa comunitária onde acontece suas celebrações. Segundo Floriano Lopes:

A comunidade faz parte da paróquia de Mocajuba, aí plantaram a sede que é a comunidade feita de barro, aí a partir vai passar a ser padroeiro da comunidade, vários grupos assumiram esse trabalho, eu também cheguei a trabalhar por muitos anos trabalho até hoje, ainda encaixo lá frequento, trabalho minha parte como evangelizador, e trabalho junto fazendo mutirão para fazer alguns trabalhos lá, e tá até hoje mantendo essa religiosidade que é São José o padroeiro. (Floriano Lopes Farias, 83 anos, ex-presidente da comunidade São José de Icatu).

Nesse sentido, podemos ver que a população da comunidade é bem unida e que essa união foi importante para dar continuidade nas celebrações e manter viva a festividade do padroeiro que deu nome para a comunidade. Ribeiro (2019) diz que todo esse processo festivo é “uma prática importante já que nesse momento festivo que a comunidade relata à importância

de ter esses eventos dentro do seu território, já que tudo isso é para manter a manutenção da cultura e ao mesmo tempo resgatar seus valores” (RIBEIRO. 2019. Pág. 228).

Durante muitos anos os negros foram escravizados tendo seus direitos retidos pelos homens, hoje a luta dos negros é para ter esses direitos de volta pois, muitas comunidades estão lutando para ter o reconhecimento de suas terras e para garantir que seu espaço. Posto isso e, não menos importante, está sendo difícil a garantia de moradia imagina quando se fala em questão da educação nesses espaços que é outro obstáculo que a comunidade tem enfrentado durante esses anos. Pinto fala que:

Podemos imaginar o quanto tem sido difícil para os filhos e netos de tais descendentes terem o direito, também garantido na constituição Brasileira, de frequentar a escola, ou melhor, poder contar com uma educação de qualidade, que leve em conta a história dos seus ancestrais, seu modo de vida, suas experiências culturais e formas organizativas. (PINTO, 1999. Pag.359).

Pinto (2009) diz que muitos desses pais tem dificuldades de manter seus filhos nas escolas, muitas vezes é porque a educação é muito fraca ou porque não “condiz com a realidade dos alunos, e outras vezes também condiz com a distância que os alunos têm que percorrer até chegar na escola” (PINTO, 2009. Pag. 359).

Na comunidade de São José de Icatu, a escola municipal de ensino fundamental Arthur Igreja atende os alunos do ensino Infantil ao ensino fundamental que vai até o 5 ano (ver a imagem), depois dessa série os alunos vão estudar para cidade de Mocajuba ou Baião para dá continuidade aos seus estudos, mas a dificuldade é muito grande, segundo a moradora Ana Glória o que os impede de dar prosseguimento nos estudos e a falta de transporte escolar, já que eles vão na comunidade só pela parte da manhã.

Olhar pra Mocajuba é viável pra nós, pra Baião já é difícil nos começamos estudar em 2016 em Baião, em 2017 estudamos até um tanto do ano aí a vã não veio más, quando foi em 2018 a vã veio de novo quando foi em abril ela parou nós fizemos só a primeira avaliação. (Ana Glória de Oliveira Silva 51anos, moradora da comunidade São José de Icatu).

Podemos observar no relato de Ana Glória, que para os jovens poderem dar continuidade nos seus estudos eles precisam se deslocar do seu espaço para outros e por falta de ônibus escolar muitos ficam na casa de parente ou amigo que vivem na cidade para poderem terminar seus estudos.

Segundo Mauricio (2017), em vez da educação ser um estímulo para os estudantes dessas comunidades, hoje virou um abismo, pois “as dificuldades são muitas e isso faz com que essas pessoas parem de estudar e retornem para sua comunidade sem ter uma formação necessária para entrar no mercado”. (MAURICIO, 2017. Pág. 47).

Imagem 16: Escola da comunidade.



Fonte: Arquivo pessoal - Gabriel Neves.

Aqui na comunidade de São José de Icatu a educação escolar é multisseriada onde têm apenas dois professores para atender os alunos do Ensino infantil ao 5 ano do ensino fundamental, além de serem professores ainda assumem outras funções dentro da escola como zelador, faxineiro, diretor. Segundo Pinto (2009), por essas comunidades ficarem muito afastados do centro urbano, “essas escolas funcionam com multisseriado e a educação é precária além de ser uma escola isolada, e isso faz com que funcione até o 5 ano do fundamental” (PINTO, 2009. Pág. 368).

Nas nossas conversas dentro da comunidade o professor Rivaldo falou sobre a dificuldade em relação a educação escolar, que ainda persiste dentro da comunidade, mais com o apoio dos moradores eles vão desenvolvendo seus trabalhos com os alunos, mas o acúmulo de funções é muito desgastante para um profissional da educação. Assim diz Rivaldo:

Atualmente a escola se encontra com 4 funcionários, São dois professores que é o professor Rivaldo e o professor Domingos Flavio que está como professor efetivo da comunidade, além, de 2 pessoas que trabalha na parte de serviços gerais que são contratados pela prefeitura de Mocajuba. (Rivaldo Antônio Dias dos Santos, 34 anos, professor da comunidade São José de Icatu).

Podemos observar na fala do professor Rivaldo que a educação escolar dentro da comunidade precisa ser vista com bons olhos, pois hoje a escola tem apenas 2 professores para atender todos os alunos que moram na comunidade, e isso fica muito pesado para os professores, além de atenderem os alunos em sala de aula ainda assumem outras funções na escola como zelador, porteiro, diretor e coordenador. Segundo Pinto (2009) nós “precisamos refletir qual o tipo de educação que precisa ser trabalhado dentro dessas comunidades quilombolas da região do baixo Tocantins e observar se realmente esse ensino contempla à realidade desses alunos” (PINTO, 2009. Pág.14)

A educação brasileira precisa adentrar nessas comunidades levando em si o pleno desenvolvimento intelectual da sociedade, o bom desempenho de uma educação de qualidade onde os alunos possam enxergar os benefícios que a educação traz para a sociedade e, principalmente, para a vida do ser humano. Corroborando Narlon Mauricio: a educação mexe em toda estrutura da vida do aluno, nas suas vivências culturais, isso “tudo traz uma certa mudança de pensamento do indivíduo, onde o mesmo prove certas transformações, pois isso só vai favorecer o desenvolvimento do homem, pois a educação sempre estará presente na vida dos homens e das mulheres” (MAURICIO, 2017. Pág. 44).

Na escola municipal de Ensino fundamental Arthur igreja os professores trabalham com os alunos as práticas culturais que são importantes para a comunidade, cujo princípio está relacionado com a vivência de cada aluno, onde iram adquirir certo grau de conhecimento que está relacionado no seu dia a dia, e que esse “ensino vem sendo herdados dos seus antepassados e se manifestar com características peculiares de cada pessoa que reside nesse espaço territorial”. (MIRANDA, 2017. Pág. 14).

Assim, a educação quilombola precisa ser trabalhada visando a realidade daquela população, onde o professor possa explorar o espaço em que está inserido, isso nos remete a dizer que o professor precisa estar comprometido com a realidade daquela população, onde ele venha trabalhar conteúdo que possa contribuir significativamente com a vida social daquele jeito, Souza diz que pensar em uma “educação inclusiva e ter um olhar diferenciado de diferentes realidades regionais e culturais, onde o educador possa reconhecer as necessidades

própria s dos sujeitos, levando em si a realidade diferenciada de cada comunidade remanescente de quilombo” (SOUZA. Pág. 79).

No entanto, o estado brasileiro precisa ver como anda a educação escolar dentro das comunidades quilombolas, para que possam traçar metas a serem alcançado no final do ano, com uma educação processual garantindo para esses alunos uma educação de qualidade com equidade, diferenciada da cidade, com suas especificidades levando em consideração a cultura que esse povo tem dentro do seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de expressar minha gratidão em poder pesquisar a questão da identidade negra na comunidade São José de Icatu, adentrar em seu território foi um privilégio muito prazeroso, pois consegui compreender um pouco da história dessa população, o modo como eles vêm trabalhando para garantir o sustento de suas famílias, a união entre vizinhos e poder presencial a ajuda mútua, por exemplo quando um está doente o vizinho vai até a casa do doente pra levar medicamentos pra dar assistência no que necessita.

Os dias que passei nessa comunidade foram de muito aprendizado para minha vida. Foram semanas de muitas conversas com os moradores embaixo das sombras das árvores, no quintal ou no banco em frente de suas casas. Ali eram contadas histórias sobre a vida de seus ancestrais que sobreviveram o período da escravidão, demonstrando como a sua gente chegou até aqui nessa região.

Histórias de como antigamente a sua vida era muito dolorosa, pois a comunidade não tinha estrutura suficiente para dar um suporte a mais para sua gente, mas hoje a condição de vida mudou bastante, pois os jovens têm uma facilidade diferente de ser locomover para outra região em busca de uma boa condição de vida.

Nesse aspecto, tentei registrar um pouco da história da comunidade quilombola São José de Icatu, uma população aguerrida de muita luta e resistência onde durante o processo da escravidão, na Amazônia, se apossaram dessa terra que fica localizada no município de Mocajuba.

Rivaldo dos Santos diz que esse povo que compõe a comunidade de São José de Icatu foi atacado, mesmo assim fizera resistência de várias formas, fugindo para as matas, adentrando os rios e igarapés e até nos dias de hoje eles se mantêm nessa comunidade quilombola que é reconhecido como um espaço originário de pessoas que lutam pelo seu direito como cidadão brasileiro. (SANTOS, 2019. Pág. 42).

Durante a pesquisa pude compreender como se deu o processo de escravidão na Amazônia principalmente na região do baixo Tocantins, os problemas que essa comunidade vem enfrentando até os dias atuais como falta de saneamento básico, uma educação voltada para vivência da comunidade, ausência de médicos para atender a demanda da população, tudo isso faz com que os movimento negro lute a fim de conseguir todos esses objetivos que são seus por direto constitucional.

Fanon (2008) diz que os problemas enfrentados por essas comunidades não se limitam só na sua descendência negroide, mas pela “forma como esse povo vem sendo tratado na sociedade, sendo explorados pelo poder público, humilhados pela sociedade” (FANON, 2008. Pag.181).

Na comunidade de São José de Icatu, a identidade negra está sendo trabalhada diariamente com os jovens através dos movimentos sociais que a comunidade vem desenvolvendo dentro e fora do território, os jovens vêm assumindo cada vez mais essa responsabilidade de levar a diante a cultura do seu povo, e isso tem como característica principal preservar a própria identidade do seu povo.

Hoje os jovens já saem de sua comunidade para apresentar a sua cultura em outras localidades da região e isso possibilita que eles venham fortalecer esse laço com o seu descendente. Mauricio Narlon (2019) diz que a identidade quilombola está relacionada com a própria vivência inserida na comunidade, “através das reivindicações de seus direitos que por muito tempo foi historicamente negado e vem crescendo principalmente quando se fala na demarcação ou titulação de suas terras” (MAURICIO, 2019. Pág. 41).

A educação escolar na comunidade perpassa pelo ensino formal e não informal, onde os professores tentam trabalhar com os alunos a questão da identidade do seu povo, os costumes, crenças e a cultura que desencadeia a realidade da comunidade. A educação quilombola tem alguns desafios para que seja igualitária e haja equidade, diante do atraso ocasionado pelos anos de escravidão os quais o povo negro foi submetido.

Os professores precisam de incentivo para mediar esses conflitos ocasionados pela desigualdade. Marques (2012) diz que enfatizar a questão da educação através das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 dá a oportunidade para que negros, mestiços e indígenas venham conhecer a história e a cultura dos povos originários e tradicionais para que haja reconstrução da história e da cultura ocasionando na valorização da identidade étnica no Brasil. (MARQUES, 2012. Pág.58).

FONTES DA PESQUISA

a) FONTES ORAIS

- 1- Ana Glória de oliveira Silva 51 anos
- 2- Crislene Brito Souza 25 anos
- 3- Domingos Flávio Lopes farias 53 anos
- 4- Floriano Lopes farias
- 5- João Rose Rodrigues 80 anos
- 6- Maria José Brito de Souza 55 anos
- 7- Maria Medianeira Lopes 62 anos
- 8- Raquel Medeiros da Costa Lisboa 78 anos
- 9- Rivaldo Antônio Dias dos Santos 34 anos
- 10- Ricardo de Jesus Silva 83 anos
- 11- Silvano Rose Nascimento 52 anos

b) FONTES ESCRITAS:

Planilhas de anotações da comunidade e do sindicato;
Certidões de nascimentos e casamentos;
Livro de registros da comunidade da Comunidade Quilombola de Icatu;
Atas de reuniões,
Certidão de Posse do Território Quilombola de São José de Icatu

c) FONTES IMAGINETICAS

Imagens fotográfica feitas no decorrer da pesquisa de campo. Além das que foram encontradas nós acervos familiares das pessoas que foram entrevistadas.

BIBLIOGRAFIA

- ARNOLD, Kleber: A prática do convidado na vila de Juaba de 1965-1970: O Trabalho como elemento de construção dessa prática. Cametá/ Pará 2018.
- BARROS, José d Arruda. O tempo dos historiadores. Jose d Assunção Barros. Petrópolis, RJ, Vozes. 2013.
- BATISTA, Paula Carolina: Políticas públicas Culturais para construção da identidade quilombola Celacc/Eca- USP, 2011.
- BLOCH, Marc: Apologia da História ou o ofício de Historiador.
- BORGES, Lediane da Silva: História, Educação E (R) EXISTÊNCIAS: entre saberes e fazeres do/ no Quilombo de Bailique Centro, Município Oeiras do Pará. Cametá – PA, 2021.
- BURK, Peter. A escrita da história novas perspectiva (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo Editora Unesp, 2011.
- CARDOSO, Círio Flamarion: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/ Ronaldo vainfas (org.). - Rio de janeiro: Campus, 1997.
- COSTA, João Paulo Alves. COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOSSÃO JOSÉ DE ICATU: IDENTIDADE E MOVIMENTO SOCIAL. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História/UFPACampus Universitário do Tocantins, 2013
- COSTA, João Paulo Alves: Gênero, Saberes e poder: O protagonismo de mulheres negras organização política e Social da comunidade remanescente de quilombo São José de Icatu – Mocajuba PA. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGDUC/UFPAC- Cametá, 2017.
- DOMIGUES, Petrônio. Movimento negro Brasileiro; alguns apontamentos históricos. 2007.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscara brancas: tradução de Renato Silva. - Salvador: EDUFBA, 2008.
- FUNES, Eurípedes Antônio. Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas. Fortaleza, CE: Plebeu Gabinete de leitura, 2022.
- GOFF, JACQUES LE; História e memória, Tradução Bernardo Leitão... Campinas, SP Editora da UNICAMP. 1990.
- GOMES, Nilma: Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil; uma breve discussão. 1987.
- LOMBA, Roni Mayer; Conflito, territorialidade e desenvolvimento; algumas reflexões sobre o campo amapaense. (organizadores)- Dourados MS; Ed. UFGD, 2014.
- MALCHER, Maria Albéniz Farias; Identidade quilombola e Território. 2011.
- MANUAL, PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA, Dinair Andrade da Silva.

- MARQUES, Crisley Maria Barros: Memória, Cultura e educação no povoado remanescente de quilombolas Bom Fim, na região do Tocantins. Cametá – Pará 2012.
- MATTOS, HEBE; Remanescentes das comunidades dos quilombos memória do cativo e política de reparação no Brasil. 2006.
- MAURICIO, Naron Costa. UM ESTUDO SOBRE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA ESCOLA GRACINDA PERES, VILA SÃO BENEDITO-CAMETÁ/PA. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História/UFPA-Campus Universitário do Tocantins CAMETÁ-PA, 2019
- MIRANDA, Gerson Campelo. SABERES E PRÁTICAS CULTURAIS QUILOMBOLAS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ESCOLA EMILIANO CABRAL DE SANTA CRUZ NO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA – PARÁ, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/UFPA, Cametá, 2017.
- MOTEIRO, Aloisio de Jesus. Memória e perspectiva do movimento de educação indígena no Brasil. 1957.
- MUNANGA, kabengele: origem e Histórico do quilombo na África. Revista USP. São Paulo (28). Dezembro/ fevereiro 95/96.
- NORA, Pierre: Entre memória e História: A problemática dos lugares, 1993
- PEREIRA, Almica Araújo. A lei 10.639\03 e o movimento negro, aspecto pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil.
- PETER; A escrita da história; novas perspectivas (orgulho), tradução Magda Lopes. São Paulo Editora Unesp, 2011.
- PINTO, Benedita Celestes de Moraes. Memória e educação dos Remanescente quilombola de Boa esperança. Pará. 2020.
- PINTO, Benedita Celestes de Moraes: História, Educação e Diversidade Produção de Material Didática em Povoações Remanescente de Quilombolas da Região do Tocantins, no Pará, 1999.
- PINTO, Benedita Celestes de Moraes: Memória, gênero e símbolo de poder feminino em povoados Amazônicos de Antigos quilombos; Puc/ São Paulo, 1999.
- POLLACK, Michael, Memória, esquecimento, silêncio. Estudo Histórico, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989.
- PORTELLI, Alessandro: o que faz a história Oral diferente. Proj. História, São Paulo (14), fev.1997.
- RIBEIRO, Antônia da Silva Samir: Saberes tradicionais e educação Ambiental: Encontros e desencontros no Quilombo de mesquita – Goiás, Brasília, 2014.
- SALLES, Vicente: o negro no Pará sob o regime da escravidão 1999.
- SALLES, Vicente: O negro no Pará, sob o regime da escravidão, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. De publicação. (e) Univ. Federal do Pará. 1971.

SANTOS, Rivaldo Antônio Dias Dos. EDUCAÇÃO E SABERES CULTURAIS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATÚ. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/UFPACametá 2019.

SILVA, André Ricardo Fonseca; Política pública para a comunidade quilombola uma luta em construção.

SILVA, Dinair Andrade; Manual, para Elaboração do projeto de pesquisa em História.

SILVA, Eva Aparecida: Ser remanescente de quilombo em comunidade do vale do Mucuri, 2010.

SILVA, Joseane Maria Santos. Comunidade quilombola, suas lutas, sonhos e utopias. 1992.

SILVA, Simone Resende, quilombo no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra.